

MARILZA DUTRA DAS MERCÊS



**INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DE ARTES VISUAIS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL NO CENTRO DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA –
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

JABOTICATUBAS

2013

MARILZA DUTRA DAS MERCÊS

**INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DE ARTES VISUAIS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL NO CENTRO DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA –
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-Graduação Em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador: Prof. Dr. Lincoln Volpini Spolaor

JABOTICATUBAS

2013

MARILZA DUTRA DAS MERCÊS

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador: Prof. Lincoln Volpini Spolaor – EBA/UFMG

Membro da Banca: Prof. Dr. Maurílio Andrade Rocha

JABOTICATUBAS

2013

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte e respeitados os direitos autorais.

Catálogo na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Departamento de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da
Universidade Federal de Minas Gerais

MERCÊS, Marilza Dutra das

Intervenções pedagógicas para o ensino de artes visuais na educação infantil no Centro de Desenvolvimento da Criança – Universidade Federal de Minas Gerais, Marilza Dutra das Mercês; Orientador Prof. Dr. Lincoln Volpini Spolaor – Belo Horizonte – MG, 2013.

Monografia (Especialização) – EBA – UFMG – Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Artes Visuais.

(LC HV– a preencher pela biblioteca)

Aos **meus pais**, que sempre dispuseram de tudo para me incentivar a caminhar de encontro ao que eu sempre quis ser. Um ser humano sensível, capaz, criativo e dedicado em tudo que faço e que sou hoje e sempre.

Aos meus **irmãos, Marta, Elza, Elias, Edson, Dutra, Leila, Cleide, Keila e Natália**, que tornaram a minha infância criativa e feliz, pois sempre brincamos juntos e fizemos do “faz de contas” a nossa realidade.

Aos **mestres**, que me receberam em todas as escolas que passei, acreditaram na minha busca e compartilharam comigo conhecimentos, fizeram-me descobrir e entender o dom de ser e de também aprender e ensinar. Em especial, minha primeira professora de Educação Artística, **Dona Celina**, do Colégio Municipal Padre Cícero de Castro. Eu me espelhei na sua dedicação, atenção e carinho! E a **Amarílis**, maior exemplo de amor e paixão pelo ofício de ser sempre a professora querida.

Aos **meus filhos, Mariana e Hélio Henrique**, que me apoiaram em todos os momentos. Que a minha trajetória de aprendizagem sirva de exemplo para a formação dos mesmos e o orgulho que eles têm de mim seja recíproco.

Ao **Centro de Desenvolvimento da Criança, Suzana Dantas, Eurídice, Ludmila** e todos que confiaram e me apoiaram na realização do meu sonho, exponencial; ser a professora de Artes Visuais do **CDC/UFMG**. Aos **pais e todas as crianças**, com quem eu tive a honra e o privilégio de aprender, muito mais do que ensinar!

Enfim, ao **William**, que deixou o amor entrar na minha vida, apoiando-me e me mostrando que “**tudo vale a pena quando a alma não é pequena**”.

RESUMO

Este trabalho iniciou-se durante uma pesquisa de campo realizada no Centro de Desenvolvimento da Criança – Universidade Federal de Minas Gerais (CDC/UFMG), fundamentada em propostas contemporâneas, para o Ensino de Artes Visuais na Educação Infantil, a partir das indagações da pesquisadora enquanto docente de alfabetização no CDC/UFMG e estudante do curso de graduação em Artes Visuais na Escola Guignard, Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG), em 2002. Afinal, como ensinar artes visuais na escola para crianças de três meses a seis anos? O que ensinar?

Na escola, o conteúdo de arte, mesmo obrigatório por lei, é muitas vezes empobrecido, potencial desvitalizado, perde o valor educativo e é reduzido a atividades mecânicas, de treino de habilidades motoras ou simplesmente atividades recreativas que reeditam modelos equivocados, com recursos escassos e em horários insuficientes. Essas situações, em geral, escapam às intenções do docente, que procura fazer o melhor. Uma das causas desse problema tem sua origem na formação do docente, desde o início de sua escolarização. Para melhor compreender o Ensino de Artes Visuais na Educação Infantil e inserir a disciplina do ensino de Artes Visuais no CDC/UFMG, a metodologia desta pesquisa foi baseada na análise dos fundamentos que orientam esse ensino para promover a reflexão sobre teoria e prática através de uma pesquisa qualitativa, com intervenção direta junto à criança e ao grupo estudado. Necessitou-se rever o papel do ensino das artes visuais no desenvolvimento do educando considerando as necessidades do mundo contemporâneo, fez-se um paralelo entre a formação e função do professor em sala de aula. Para a coleta de dados, utilizou-se anotações, fotos e entrevistas. Desenvolveu-se oficinas de sensibilização, teoria e produção de arte para docentes e crianças da escola. Promoveu-se seminários, para compreensão e análise de algumas propostas e estratégias de ensino voltadas à prática docente em sala de aula. Buscou-se a reflexão sobre questões do planejamento discutindo alguns critérios para a seleção e organização dos conteúdos e algumas questões metodológicas, bem como formas e instrumentos para avaliação em artes visuais. Este estudo traz algumas experiências didáticas desenvolvidas com o propósito de compreensão e aplicação dos temas estudados.

Palavras -chaves: Educação Infantil. Currículo. Artes Visuais.

ABSTRACT

*Uma das complicações iniciais é saber-se o que há, de criança no adulto, para poder comunicar-se com a infância, e o que há de adulto na criança, para poder aceitar o que os adultos lhe oferecem.
(Cecília Meireles)*

LISTAS DE FOTOGRAFIAS

Foto 1—	Painel Coletivo – “Gaiolão”	23
Foto 2—	Caixas Sensoriais – crianças, 02 anos	31
Foto 3—	Jogo “Galeria de Arte” – crianças, 02 anos	33
Foto 4—	Jogo “Quebra-cabeça das Artes”	34
Foto 5—	Crianças folheando livros de artes.	35
Foto 6—	Modelagem em argila – crianças, 02 anos	36
Foto 7—	Crianças pintando, 03 anos	37
Foto 8—	Modelagem modelando, 04 e 05 anos	38
Foto 9—	Crianças pintando, 0 a 01 ano	40
Foto 10—	Monotipia	41
Foto 11—	Serigrafia – o processo	42
Foto 12—	Técnica: Serigrafia – a produção	42
Foto 13—	Esculturas de papelão	43
Foto 14—	Pintura com pigmentos de terra	44
Foto 15—	Sala de Artes Visuais – Pias, prateleiras, caixotes e armários	45
Foto 16—	Sala de Artes Visuais – Cantinho para leitura	47
Foto 17—	Sala de Artes Visuais – Ateliê de modelagem	47
Foto 18—	Leitura de livros de artes	54
Foto 19—	Projeto: “O Mundo Imaginário de Miró” – Técnica, Monotipia	55
Foto 20—	Visita a Ouro Preto	56

SUMÁRIO

Introdução	10
Justificativa	12
Objetivo	14
Metodologia	17
Pressupostos teóricos: breve histórico	
1 CENTRO DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – EDUCAR E CUIDAR NUMA PROPOSTA CONSTRUTIVISTA	22
1.1 Espaço físico e Organização Pedagógica	22
2 PROJETO CRIARTE – “SENSIBILIZAÇÃO DO OLHAR” – EXPERIÊNCIAS, ATRAVÉS DA HISTÓRIA, ESTÉTICA, CRÍTICA E PRODUÇÃO DE ARTE PARA O ENSINO DE ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	25
2.1 Primeira etapa: Entrevista e Questionário	25
2.2 Resultado parcial das entrevistas e questionários	
2.3 Segunda etapa: “Imagens que falam através dos Jogos de Arte”	
3 APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA CURRICULAR PARA O ENSINO DE ARTES VISUAIS NO CENTRO DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA	
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS	59
ANEXOS	61

Introdução

Ao ensinar Arte, estamos alicerçando a união entre o conhecimento, o sonho e a busca do novo.

Este estudo iniciou-se durante uma pesquisa de campo, realizada, no Centro de Desenvolvimento da Criança – Universidade Federal de Minas Gerais (CDC/UFMG), fundamentada em propostas contemporâneas para o Ensino de Artes Visuais na Educação Infantil, a partir das minhas indagações enquanto professora de alfabetização no CDC/UFMG e estudante do curso de graduação em Artes Visuais na Escola Guignard, Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG), em 2002.

Enquanto professora, sei a respeito da necessidade da arte na formação dos educandos. Mas como ensinar artes visuais na escola para crianças de três meses a seis anos? O que ensinar?

A formação nos cursos de licenciatura tem oferecido pouco — ou quase nada — de conhecimento em arte. Em decorrência disso, na escola, o conteúdo de arte, embora obrigatório por lei, é muitas vezes empobrecido, seu potencial desvitalizado, perde seu valor educativo e é reduzido a atividades mecânicas, com recursos escassos, em horários insuficientes. Tais situações, em geral, escapam às intenções da professora que procura fazer o melhor que lhe é possível. Entre outras, uma das causas desse problema tem sua origem na formação da professora, desde início de sua escolarização à acadêmica. No que se refere às artes visuais, encontramos, frequentemente nas escolas, práticas desgastadas, atividades de treino de habilidades motoras ou simplesmente atividades recreativas que reeditam modelos equivocados.

Essa realidade do ensino da arte tem contribuído para seu reduzido espaço no currículo escolar em favor de conteúdos considerados mais necessários. Essa situação torna-se inconsequente ao descaso com a qualidade do seu ensino nas escolas.

Diante disso, ao invés de minimizar ou mesmo de desvalorizar esse conteúdo no currículo, é necessário garantir estudos na formação da professora que lhe permita adquirir conhecimentos em arte e refletir sobre seu ensino do ponto de vista social, cultural e cognitivo. E, assim, o professor poderá orientar o processo de aprendizado em arte de modo a contribuir na formação do educando, na construção

de sua identidade e de sua cidadania como vem acontecendo em tantos projetos sociais que possibilitam desenvolver uma prática educativa de qualidade.

Para melhor compreender o Ensino de Artes Visuais na Educação Infantil, precisei analisar os fundamentos que orientam esse ensino e promover a reflexão sobre teoria e prática. Necessitei, ainda, rever o papel do ensino das artes visuais no desenvolvimento do educando considerando as necessidades do mundo contemporâneo, fazendo um paralelo entre a formação e função do professor em sala de aula. Promovi seminários, para compreensão e análise de algumas propostas e estratégias de ensino voltadas para a prática docente em sala de aula. Também desenvolvi oficinas de sensibilização, teoria e produção de arte para docentes e discentes — crianças da escola citada.

Durante os seminários, palestras e grupos de estudos sobre o Ensino de Artes Visuais para a Educação Infantil, apresentando um breve resumo sobre alguns conceitos, que permearam o percurso histórico da arte/educação no Brasil e que ainda hoje estão presentes em muitas salas de aula e em muitos currículos escolares. Em seguida, procurei refletir sobre questões do planejamento discutindo alguns critérios para a seleção e organização dos conteúdos e algumas questões metodológicas, bem como formas e instrumentos para avaliação em artes visuais. Apresentei, ainda, algumas experiências didáticas desenvolvidas com o propósito de compreensão e aplicação dos temas estudados relacionados à produção, estética e crítica de arte. A indicação de textos de referência que contribuíram para elaboração deste, com a finalidade de subsidiar o aprofundamento das questões teóricas e ampliar a reflexão sobre a prática educativa em artes visuais.

Justificativa

A Arte tem ocupado um lugar especial na Educação Infantil para o desenvolvimento social, afetivo, interacional e cognitivo da criança, num contexto escolar buscando um espaço de exercício de cidadania. Segundo as Leis de Diretrizes e Bases (LDB), a Lei nº 9.394/96 preconiza que a arte é obrigatória, em todas as classes, níveis ou séries da educação básica. Dessa forma, a escola precisa propiciar meios para que os educadores desenvolvam a capacidade de compreender e fruir arte para que possam compartilhar com as crianças e fazer valer os seus direitos de expressarem e desenvolverem seus conhecimentos de arte, através do fazer artístico, de acordo com sua cultura e outras que se pretende cultivar.

Para tal, é necessário pensar a arte na Educação Infantil e buscar propósitos e estratégias para que a lei seja efetivada para que seja legitimado o ensino de Artes Visuais, enquanto disciplina no currículo da Educação Infantil. Nessa instituição, propiciar oficinas, seminários, grupos de estudos, através da sensibilização dos sentidos, da produção, da crítica e da história da arte. Promovendo, contribuindo e reforçando que a arte contribui para o desenvolvimento da capacidade criadora da criança e é um produto cultural inerente e necessário ao ser humano, pois seu caráter revelado e criador promove o ser tornando-o capaz de conhecer e transformar o mundo.

Mais do que falar de conteúdo, as aulas de Arte devem fazer com que o aluno estabeleça relações entre o mundo e a maneira como o homem o percebe ao longo do tempo. É interessante mostrar obras produzidas em diferentes períodos, mas que tratem do mesmo assunto. Lidar com arte é construir um olhar cada vez mais sensível e crítico para perceber como os elementos estéticos trazem significados diversos. Minha pesquisa no CDC/UFMG apontou como é possível ensinar e aprender arte, através de uma percepção bem maior do que a que se espera. Desvincular o "eu não entendo" do "eu não gosto". Procurando mostrar a importância e a função da arte e seus significados.

A um tempo atrás, o ensino era pautado no *laissez-faire*, no deixar fazer. O trabalho do aluno era exposto e isso era suficiente. Mas toda experiência de criação deve ser objeto de reflexão, retomando as ideias ali colocadas, buscando novos modos de expressar a mesma coisa. Só assim a produção da criança se

desenvolve. O fazer não é o centro de tudo. A leitura, a apreciação, a percepção de contextos e conceitos são pontos prioritários no ensino de Arte. Como lembra Amarílis Coelho Coragem: “A arte infantil é essencialmente lúdica. Porém, não apenas como livre brincadeira com regras, mas o lúdico na linguagem artística envolve o expressivo, o sensível, o estético e introduz a criança na esfera do artístico.” (CORAGEM, 2002, p.90)

Objetivo

Compreender que a Arte é uma forma de conhecimento que tem semelhanças e diferenças em relação à ciência, matemática, português, geografia e qualquer outra disciplina e que tem a mesma forma de compreensão do mundo. Sabendo que todas caminham juntas, a Arte com a emoção e as outras com a razão. A arte tem várias funções na sociedade e na cultura: sensibilizar e provocar os sentidos; expressar o pensamento e transformar a visão do mundo; explicar, refletir e contextualizar a história; questionar a realidade; representar ideias, valores, pessoas, crianças, culturas, entre muitas outras. Ela sempre teve um sentido transformador, desde a pré-história. O homem busca algo a mais. Se vivemos num mundo complexo, a arte não pode ser diferente, pois dá um sentido à vida. Ela captura os dramas humanos e sociais, expressando-os numa obra e os devolve para essa mesma sociedade, que muitas vezes não aceita essa interpretação. Busquei legitimar o ensino de artes visuais, como disciplina, no currículo da Educação Infantil, no CDC – UFMG e despertar o reconhecimento da importância do Ensino de Artes Visuais como área de conhecimento, proporcionando estímulos para desenvolver a criatividade e o senso crítico, estético, artísticos das crianças de educação infantil.

Acima de tudo, a instituição precisa investir num professor pesquisador de arte. Foi-se o tempo em que a escola exigia dele ajuda para fazer bandeirinhas na festa junina e produzir cartazes. Há outros espaços de valor para esse professor. Ele deve conhecer seus alunos e buscar elementos significativos, para que encontrem novas formas de se expressar, contar suas histórias, mágoas, alegrias e tristezas. Assim, abriremos espaço para um ensino mais humano. É difícil ter essa percepção

com quarenta crianças em sala de aula. Mas enquanto não se muda essa estrutura, é preciso inventar outras regras que nos permitam chegar aos mesmos objetivos.

Metodologia

Conseqüentemente, pela influência da ideia de arte como exercício de liberdade criadora, o ensino de Artes Visuais na Educação Infantil, é pouco sistematizado, improvisado e desvinculado do processo educativo mais amplo.

Entretanto, a sistematização pode ser o espaço de criação da professora, já que terá, como elementos substanciais de sua criação, o planejamento o desenvolvimento de suas aulas e a orientação de seus alunos.

É importante lembrar que o produto da atividade não seja entendido de forma rígida, cristalizada, pois o que caracteriza sua dimensão criadora é quando a ação educativa efetiva-se num processo dinâmico de transformação, no diálogo entre sua proposta e realidade.

Ao planejar o ensino, o professor projeta sua intenção educativa articulando seus conhecimentos teóricos com as possibilidades e necessidades da realidade na qual a ação docente se desenvolverá. Planejar envolve, portanto, a capacidade de interpretar a realidade e de refletir sobre as possibilidades teóricas consciente da finalidade educativa desse ensino.

Por conseguinte, numa educação comprometida com a formação da criança, antes de adotar qualquer proposição, a professora precisa considerar o contexto cultural e social em que desenvolverá seu trabalho.

Nesse sentido, é preciso entender os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte, como um documento de referência para o ensino da arte. Reconhecendo a diversidade da realidade educacional brasileira, vemos que seria impossível generalizar as orientações do documento como modelo ou prescrição. Com a divulgação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o ensino da arte, bem como das propostas curriculares das diferentes instituições educativas, a realização de vários cursos de atualização de professores e de projetos educativos em arte, os educadores que ainda não percebiam a arte como conhecimento e puderam ter acesso a informações e orientações sobre esse ensino.

Entretanto há, ainda, um descompasso entre a formação da professora, as orientações dos documentos e as condições do ensino de arte na educação infantil.

Encontramos práticas educativas que não correspondem nem às orientações desses documentos e nem apresentam alguma alternativa cujos conhecimentos em arte possam contribuir, de forma efetiva, na formação da criança.

Muitas vezes a contribuição da arte no processo educativo é expressa nos argumentos das reformas curriculares, mas nem sempre seu ensino se desenvolve na prática, de modo satisfatório. Em geral, o ensino de arte, nos currículos escolares, é frequentemente reduzido aos espaços complementares e fica na Educação Infantil como atividade sem objetivo claro. Um dos equívocos mais comuns é encontrar, como conteúdos programáticos em artes visuais, uma série de datas comemorativas que se realizam em atividades soltas não tendo nada a ver com o conhecimento em arte. Embora não haja inconveniência alguma em trabalhar temas do momento, sejam datas do calendário escolar, sejam fatos marcantes do cotidiano dos educandos, esses temas só se justificam se, de fato, contribuírem para os objetivos propostos no processo de aprendizagem dos alunos.

Assim, consciente das diferenças, das potencialidades e das necessidades da criança, o ensino das artes visuais, na Educação Infantil, deve promover diversas experiências que articulem a percepção, a sensibilidade, a imaginação e a cognição. Para tanto, cabe ao professor considerar as possibilidades e modos pelas quais a criança transforma seus conhecimentos construindo novos conceitos e modificando suas concepções de arte. É fundamental que a professora ofereça situações exploratórias, que favoreçam atividades lúdicas. Para isso, é necessário propor atividades em que as crianças possam observar e experimentar as qualidades visuais dos objetos, estabelecer as relações e expressar ideias e habilidades nas suas produções. É necessário construir projetos partindo da curiosidade das crianças e, para isso, o professor precisa criar um clima provocador em que os conhecimentos adquiridos estimulem novas descobertas.

Em resumo, cabe, ao professor de artes visuais, organizar propostas em que os alunos desenvolvam sua capacidade de perceber o mundo visível na sua diversidade, interpretando-o e alimentando sua imaginação. Desse modo, a criança aprenderia a se posicionar com autonomia e conhecimento diante das imagens e das visualidades cotidianas.

A propósito, estudos em educação sobre a função social da escola têm conduzido à percepção das relações dialéticas entre a escola e a totalidade social,

entre os conhecimentos informais trazidos pelo aluno e os conteúdos culturalmente elaborados.

Desse modo, a arte tem um papel importante na perspectiva da educação, atuando no processo de integração na sociedade de grupos em situação de exclusão social. Ao facilitar o diálogo de diferentes grupos culturais, a arte educação pode contribuir para a superação de preconceitos, promovendo a aproximação entre a cultura do aluno e a escola. Para Lurdi Blaut:

Nesse sentido, é preciso romper com uma educação estética que fomenta apenas a reprodução de estereótipos. É necessário viabilizar meios que impulsionam o aluno a ser mais perceptivo e criativo diante das múltiplas diversidades, desigualdades e limitações, buscando apontar para outras perspectivas que vislumbrem a construção de uma sociedade mais justa e humana. (BLAUTH, 2007 p. 44).

Desenvolvendo uma prática multicultural, criadora e crítica, a arte-educação se propõe dialética, emancipatória e inclusiva, como um instrumento de afirmação das singularidades na diversidade. Isto é, que haja convivência com as múltiplas linguagens artísticas; através de pesquisas, entrevistas, seminários, textos, aulas expositivas, oficinas, acessos a exposições, mostras, galerias e outros espaços que dispõem publicamente de artes (música, teatro, dança, bibliotecas, museus). Propondo um envolvimento de ações em distintos eixos de aprendizagem entre o fazer, apreciar e refletir sobre a produção social, artístico e histórico da arte, contextualizando a arte e seus conteúdos, para as pessoas envolvidas direta ou indiretamente com a educação infantil no espaço de sala de aula e outros seguimentos; crianças, professores alfabetizadores, coordenadores dos ciclos e diretores.

Neste estudo, conforme Plano de Trabalho e Cronograma (ANEXO B), para melhor compreender o Ensino de Artes Visuais na Educação Infantil e inserir essa disciplina no CDC/UFMG, a metodologia desta pesquisa foi baseada na análise dos fundamentos que orientam esse ensino para promover a reflexão sobre teoria e prática através de uma pesquisa qualitativa, com intervenção direta junto à criança e ao grupo estudado. Necessitei rever o papel do ensino das artes visuais no desenvolvimento do educando considerando as necessidades do mundo contemporâneo, fiz um paralelo entre a formação e função do professor em sala de aula. Para a coleta de dados, utilizei anotações, fotos e entrevistas. Desenvolvi

oficinas de sensibilização, teoria e produção de arte para docentes e crianças da escola. Promovi seminários, para compreensão e análise de algumas propostas e estratégias de ensino voltadas à prática docente em sala de aula. Busquei a reflexão sobre questões do planejamento discutindo alguns critérios para a seleção e organização dos conteúdos e algumas questões metodológicas, bem como formas e instrumentos para avaliação em artes visuais. Esta investigação traz algumas experiências didáticas desenvolvidas com o propósito de compreensão e aplicação dos temas estudados.

Pressupostos teóricos: breve histórico

Ao considerar o percurso histórico do ensino das artes visuais na educação escolar no Brasil, verificamos que as concepções de ensino de arte sofreram, através do tempo, muitas mudanças decorrentes do modo de pensar a educação e de entender o papel da arte no processo educativo. Neste texto, sem preocupação cronológica, relacionarei alguns dos diversos termos que se destacam nesse percurso, entendendo que as diferentes concepções, tendências e abordagens no ensino da arte não se organizam linearmente no tempo e podem aparecer em muitas práticas atuais.

No século XIX, no ensino tradicional, aparece o *ensino do desenho* por influência da Escola Nacional de Belas Artes incentivando o retrato e a cópia de estampas de gênero mais elitista, enfatizando os exercícios formais e de observação. Mais tarde, Lúcio Costa promove a renovação da Escola de Belas Artes e introduz também, no curso secundário, o ensino do desenho voltado para a percepção visual e a técnica da representação gráfica, valorizando a *arte aplicada*. Quando a educação escolar é afetada pelo tecnicismo, o ensino do desenho sobrevive apenas como *desenho geométrico*.

A tendência pedagógica do movimento da Escola Nova, ao incorporar as ideias inovadoras de Dewey e do método de Artus Perrelet, reconhece a importância do ensino do desenho no desenvolvimento da *expressão infantil* e na aquisição do conhecimento. Soma-se a isso, nessa época, a repercussão da Semana de Arte Moderna no início do século XX.

Já nos anos 70 do século XX, por influência da Psicologia, as atividades de arte são valorizadas os exercício de liberação emocional e recurso de expressão do

indivíduo. Mais tarde, as escolinhas de arte se multiplicam incentivando a livre expressão. A auto-expressão, como atividade educativa, deve levar o aluno a crescer cada vez mais ampliando seus conhecimentos em arte, para melhor se expressar. A partir daí surge, na escola, o *laisser-faire* (deixar-fazer), uma postura equivocada, que nega a atuação do professor procurando preservar a expressão espontânea, que acabou no espontaneísmo esvaziado do sentido de ensino de arte.

A expressão *educação através da arte* aparece com Augusto Rodrigues, nas Escolinhas de Arte do Brasil, inspiradas nas ideias de Herbert Read e Victor Lowenfeld, quando, então, os alunos se familiarizavam com o universo da arte em atividades extracurriculares. Foram criadas, nessa perspectiva, as classes experimentais nas escolas afinadas com as ideias do educador Paulo Freire, já nos anos 60, que valoriza a *cultura e expressividade* como aspectos fundamentais na democratização da educação.

Em geral, denominamos *oficina de arte* como forma de ensino em que predomina o fazer artístico, a vivência de processos construtivos e experimentais que, geralmente, ocorre em cursos livres, ou extracurriculares.

Na escola, a partir da Lei nº 5692/71, o ensino de arte se define como **Educação Artística** e passa a ser obrigatório em todas as séries do Primeiro Grau. Ficou, assim, mais abrangente, passou a incluir as áreas de música, teatro e artes plásticas. Assim, com a finalidade de preparar professores para atender a essa ampla obrigatoriedade e a essa abrangência de conteúdos, surgiram os Cursos de Licenciatura em Educação Artística que, entretanto, tiveram dificuldade em oferecer, de imediato, um ensino de qualidade e, ao mesmo tempo, tão diversificado. Além disso, na escola, cada turma, tinha apenas uma aula de Educação Artística por semana e isso significou para um mesmo professor, um vasto conteúdo, um grande número de turmas por semana e um grande número de alunos por turma. Fizeram ampliação dos conteúdos de educação artística a todas as áreas artísticas e, em contradição, a reduzida carga horária destinada a esse ensino e a frágil formação do educador levaram a um ensino superficial, a um ativismo sem fundamentação. No caso das artes visuais, artistas que eram também professores, movidos pelas exigências da própria formação específica mostravam-se insatisfeitos com as condições da Educação Artística, que propunha arte como atividade e não oferecia recursos para um trabalho de ateliê e, se procuravam desenvolver um ensino mais teórico ligado à história da arte, encontravam poucos recursos para apresentar as

reproduções das obras aos alunos. Assim, algumas tentativas que estavam em curso eram mais influenciadas pela perspectiva da *linguagem visual*, em que os componentes da imagem são estudados como numa gramática.

Com as diversas interpretações da Lei nº 5.692/71, o ensino de arte não estava bem, predominavam a superficialidade e o desestímulo ao trabalho competente. A situação da Educação Artística preocupava os professores e artistas. Realizou-se, então, em 1980, na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP), a Semana de Arte e Ensino, coordenada pela professora Ana Mae Barbosa. Nesse evento, iniciou-se um movimento nacional de conscientização e de renovação do ensino da arte, recusando-se a *polivalência* no ensino da arte. Tal recusa significou não aceitar a formação de um professor capaz de ensinar conteúdos de música, teatro e artes plásticas em curto espaço de tempo, em favor da **interdisciplinaridade**, valorizando-se o conhecimento teórico e reflexivo aliado à vivência de processos construtivos. Por um lado, esse foi um momento também político da criação de várias associações e entidades representativas. Como estratégia de identificação dessa nova postura, passou-se a denominar **Arte-Educação** em substituição à **Educação Artística**. Por outro, muitas experiências significativas já se vinham desenvolvendo no Brasil e no exterior, sinalizando interessantes possibilidades metodológicas. Dentre elas, destaca-se a proposta americana *Disciplin Based Art Education* (DBAE), que integra a produção, a crítica, a estética e a história da arte. Dessa proposta deriva a **Abordagem Triangular**, difundida pela professora Ana Mae, que articula o fazer artístico, a leitura de imagem e a história da arte.

A partir daí, novas concepções curriculares têm apontado maiores espaços para o conhecimento em arte. Considerando a diversidade cultural, tais concepções estabelecem, em sua práxis, a relação dialética entre os saberes do aluno e o saber historicamente sistematizado. Enfatizam a função socializadora da educação, propondo uma aproximação maior entre o processo de escolarização e a vida do cidadão, procurando valorizar outros saberes e outros modos de aprendizagem e compreendendo **cultura e arte** como conteúdos escolares fundamentais. Essas tendências das novas concepções curriculares aproximam-se, em muitos aspectos, da arte contemporânea.

A arte, na contemporaneidade, incorpora expressões e estéticas do cotidiano, inclui elementos da comunicação de massa, mescla elementos de tradição e de

inovação de diferentes culturas e amplia as formas expressivas utilizando os novos recursos da tecnologia. Essa afinidade acaba se refletindo na **arte/educação contemporânea** ou **pós-moderna** que “expande seu conceito de arte assumindo como conteúdo não somente as artes populares e a folk-art e o artesanato, mas também as novas tecnologias, tais como o vídeo e os computadores”, segundo Row Mason (2001, p.13).

O enfoque na **educação estética** reforça a ampliação do ensino da arte para além do âmbito artístico e da leitura da imagem, pois incluiu, como destaca, Ivone Mendes Richter:

(...)além dos objetos ou atividades presentes na vida comum, considerados como possuindo um valor estético por aquela cultura, também e principalmente a subjetividade dos sujeitos que a compõem e cuja estética se organiza a partir de múltiplas facetas do processo de vida e de transformação. (RICHTER, 2003, p. 20).

A partir da concepção de linguagem visual, que considera imagem como texto, a **cultura visual** no ensino de arte privilegia a leitura de imagens e suas diversas tecnologias visando ao conhecimento estético e crítico.

Na perspectiva da educação **intercultural** e da abordagem **multicultural crítica**, o ensino de arte não se reduz à inclusão da arte de outras culturas no currículo, mas exige que se questionem as percepções rígidas e preconceituosas da realidade, buscando novas aberturas e considerando que as formas artísticas envolvem ideias, necessidades e valores. E, desse modo, propõe que “a construção de uma visão abrangente dos seus códigos culturais, ampliando os seus posicionamentos de forma que possam construir uma análise crítica diante das produções de diferentes culturas” (BLAUTH, 2007, p. 39.).

O ensino de arte entendido na perspectiva de **arte como experiência cognitiva** valoriza o papel da imaginação na construção do conhecimento. Arthur Enfland argumenta em favor da **cognição imaginativa** enfatizando que: “A educação deveria ter como propósito fundamental a potencialização da capacidade cognitiva nos indivíduos pelo uso da imaginação — em todas as disciplinas, principalmente em arte.” (ENFLAND, 2005, p. 343).

Em síntese, a consciência crítica das tendências e abordagens do ensino da arte no Diálogo com a realidade poderá orientar o professor na sua prática educativa.

Na perspectiva contemporânea e em sua demanda para o Ensino de Artes, enquanto área de conhecimento e sua inserção no currículo de educação e ensino a partir da educação infantil, ensinos fundamental e médio, a proposta encaminhada para o Ministério da Educação, secretarias estaduais e municipais de educação, assegura a efetivação através de concursos para a atuação de professores com graduação e licenciatura de arte em suas especificidades nas áreas de atuação Teatro, Música, Dança, Artes Visuais e Audiovisual. No núcleo básico, as aulas e as áreas de arte devem contemplar dois horários semanais de cinquenta minutos para o ensino fundamental e médio, nas primeiras séries iniciais. Acreditava-se que até 2008, todas as instituições de ensino teriam em seus currículos todas as modalidades de ensino de Arte, já citadas anteriormente. Para um melhor entendimento, em relação ao ensino de artes visuais, em anexo A, apresento, sinteticamente, o “Referencial Curricular Para Educação Infantil” (BRASIL, 1998), que é do interesse para o enriquecimento e entendimento da pesquisa.

1 CENTRO DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – EDUCAR E CUIDAR NUMA PROPOSTA CONSTRUTIVISTA

Para falar sobre um Projeto de Ensino em Artes Visuais no Centro de Desenvolvimento da Criança da Universidade Federal de Minas Gerais (CDC/UFMG), proponho apresentar esse espaço onde compartilhei momentos importantes de ensino e aprendizagem no universo da Educação Infantil.

1.1 Espaço físico e Organização Pedagógica

O CDC/UFMG foi constituído a partir de 1990, para atender filhos de Professores, Servidores Técnicos Administrativos, Estudantes e Comunidade Externa da Universidade Federal de novas concepções curriculares Minas Gerais – Campus Pampulha. Configurou-se como ASSUC/UFMG, era uma empresa, administrada por um Conselho Diretor, Conselho Fiscal e Colegiado (representantes de pais e funcionários do CDC), chamávamos, carinhosamente, CDC/UFMG. A partir do ano de 2006, dissolveu-se a associação e, nas instalações do CDC/UFMG, passou a funcionar a sede da Unidade Municipal de Educação Infantil Alaíde Lisboa (UMEI ALAÍDE LISBOA).

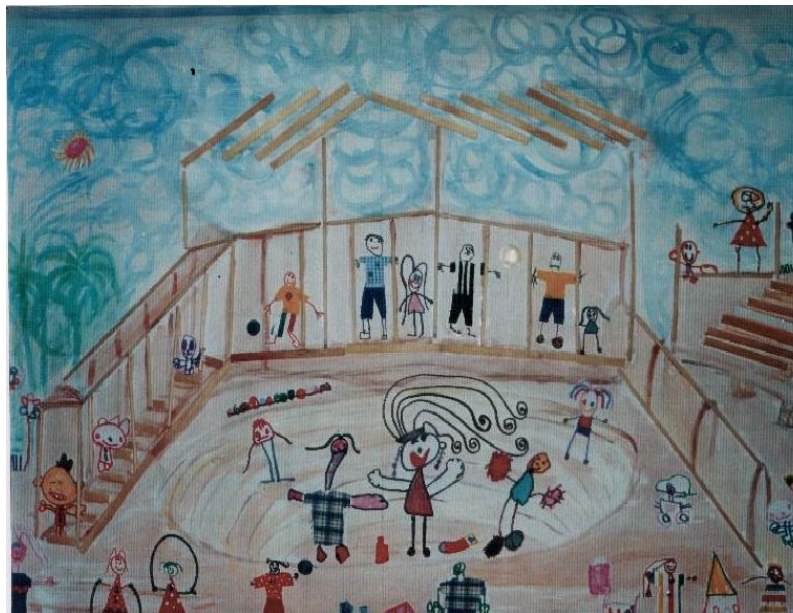
Esse espaço privilegiado foi planejado e construído para atender crianças de 0 a 06 anos. Distribuídas dessa forma em três grandes grupos: Berçário (de 4 a 12 meses) Maternal (de 12 meses e meio a 03 anos) e Jardim(de 04 a 06 anos). Cedido e mantido pela UFMG, com 3.600 m² de área construída e atendia até 350 crianças, comportava 420 vagas devido ao horário integral.

Sua área externa era composta por um pátio coberto que ligava os quatro grandes blocos e um anfiteatro coberto por uma estrutura metálica e telhado colonial, denominado “Gaiolão”. Espaço coberto que abrigava bancos, escorregadores e jogos para brincar, desenhados no chão.

Possuía um solário, um parque de areia, brinquedos de madeira e metálicos, duchas, árvores frutíferas, campo de futebol, pracinha, casinha de alvenaria, grandes jardins e um estacionamento. Entre esses espaços, circulavam as galinhas

d'angola, galinhas caipiras, patinhos e um galo. A seguir, na foto1, é possível ver a representação do Gaiolão registrada em um painel coletivo.

Foto 1 – Painel Coletivo “O Gaiolão”



Nota: Técnica mista, Crianças de 04 anos. Acervo CDC/UFMG, s/d.
Fonte: autoria própria.

Quanto às áreas construídas, havia: Bloco Administrativo – onde funcionavam a administração da ASSUC, a direção, a seção de ensino, sala pedagógica e saúde. Bloco Berçário – sala de coordenação psicopedagógico, sala de recursos, sala de educadores, lactário, lavanderia, sala de estimulação e de amamentação, salas de atividades e de sono. O Bloco Maternal e Jardim – crianças de 01 a 06 anos, possuíam sala de coordenadoras, de recursos, de supermercado, de aulas conjugadas com de sono, brinquedoteca, copa, banheiros coletivos e banheiros para banhos. O Bloco de Atividades Comuns – sala de multimeios, de música, biblioteca, refeitórios, almoxarifado, cozinha, banheiros infantis e adultos, sala para funcionários.

O CDC/UFMG procurou manter horários exclusivos que acompanhasse a jornada de trabalho dos funcionários e estudantes da UFMG. Dessa forma, iniciava suas atividades às 06h45 e encerrava às 18h30. Permitia, assim, matrículas para parciais; turno manhã ou tarde e integral. Recebia crianças a partir de 03 meses a 07 anos.

O CDC mantinha um calendário escolar anual, revezava o atendimento nos meses de julho, dezembro e janeiro, atendia em demanda especial. O CDC/UFMG acompanhava o calendário oficial da universidade, sem comprometer o funcionamento das unidades de trabalho da mesma.

A instituição tinha, em seu quadro permanente, 82 funcionários: direção, coordenadoras, professoras, assistentes de educação, auxiliares de educação, faxineiras, estagiários, porteiros, monitores da Cruz vermelha, jardineiro, auxiliar de enfermagem, contador, auxiliar de secretaria.

Quanto à formação dos profissionais, existiam professoras graduadas em Pedagogia e Psicologia, que atendiam crianças a partir de 02 até 06 anos. Para o berçário e o maternal I, tinha as denominadas assistentes, com graduação em estudos de Pedagogia ou Psicologia, a partir da nova LDB/1996, tornou-se obrigatório o curso de Magistério e ou Licenciatura. As auxiliares tinham como formação o Ensino Fundamental completo e estavam no Nível Médio em curso. Na área de arte, havia uma professora de “Expressão Corporal”, com especialização em dança.

O CDC planejava e desenvolvia o seu Projeto Político Pedagógico, incorporando dimensões significativas e contemporâneas do desenvolvimento e da aprendizagem infantil, numa proposta construtivista reflexiva e flexível, privilegiando o assim o desenvolvimento harmonioso e integrado da criança acerca do pensamento, da ação, da afetividade, da sociabilidade, dos valores morais, da corporeidade, do lúdico.

A proposta pedagógica do CDC, constituída a partir de espaços para o exercício cotidiano através do diálogo, entendia que, para diferenciar e integrar responsabilidades, família e escola precisam interagir harmoniosamente, atuar e compartilhar interesse acreditando sempre que o Educar e o Cuidar caminham juntos para o desenvolvimento em todos os aspectos da criança.

2 PROJETO CRIARTE – “SENSIBILIZAÇÃO DO OLHAR” – EXPERIÊNCIAS, ATRAVÉS DA HISTÓRIA, ESTÉTICA, CRÍTICA E PRODUÇÃO DE ARTE PARA O ENSINO DE ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Com a intenção de exemplificar experiências de ensino em artes visuais que indiquem a articulação entre a teoria e a prática, desenvolvi um projeto CRIARTE, durante sua execução, apresentei e recolhi dados das entrevistas sobre a formação das professoras, experiências de artes na infância, cursos de formação e graduação, no lazer e em sala de aula com os alunos. Momentos de Encontros com Artes em Museus, galerias, bibliotecas e outros lugares que produzem arte. Textos para leitura, apreciação e discussões para as reuniões pedagógicas. Oficinas de produção e processos artísticos sobre conteúdos de artes visuais para as professoras e nas turmas de todos os ciclos, com horários pré-determinados e com acompanhamento das estagiárias escolhidas para a pesquisa e desenvolvimento do projeto.

2.1 Primeira etapa: Entrevista e Questionário

A entrevista (ANEXO C) realizada oralmente tinha como proposta fazer uma sondagem sobre o ensino de arte no percurso de formação educacional das pessoas entrevistadas desde a infância até a finalização do curso de graduação, para as professoras e assistentes ainda no percurso da graduação, e para as auxiliares até o término do ensino fundamental e ensino médio. O formulário era preenchido com as questões de múltipla escolha. Ao final foi elaborado um diagnóstico que teria como resultado a possível qualificação das entrevistadas ao se reconhecerem aptas ou não para que pudessem ensinar artes visuais em sala de aula.

Durante o desenvolvimento das entrevistas e questionários, os entrevistados eram abordados fora do horário de aula, durante intervalos de lanche e almoço, na expectativa de que não houvesse interrupção e nem a presença de outras pessoas nos locais de abordagem.

A entrevista e o questionário foram apresentados no seguinte formato para 10 professoras, 08 assistentes e 06 auxiliares e 03 coordenadoras (uma pedagoga, uma psicóloga e uma psicopedagoga).

Voltada para o aspecto cognitivo, afetivo e social, essa experiência envolveu conhecimentos de processos de conhecimentos da arte nos aspectos desenvolvimento de experiências exploratórias e processos de criação, produção e expressão, durante o percurso de cada entrevistado na sua formação educacional.

2.2 Resultado parcial das entrevistas e questionários

Foram entrevistadas ao todo: 09 professoras, 08 assistentes, 06 auxiliares e 03 coordenadoras.

Ao avaliar as respostas da entrevista e do questionário, fiz um apanhado geral, com as seguintes suposições:

Todas as pessoas entrevistadas desconheciam o termo “**Arte**” enquanto disciplina. Citam termos referentes a trabalhos de arte, educação artística e atividades artísticas.

Todas as entrevistadas descreveram um contato com algum tipo de arte, ainda enquanto criança, devido aos materiais que lhes eram apresentadas; lápis de cor, canetas hidrográficas, tintas, papéis diferentes, tesoura, cola. Brincadeiras com barro, modelagem com massinhas, etc..

Numa percentagem equivalente a 30% responderam que as atividades de arte na escola infantil, eram: desenhar, colorir, recortar e colar. Seguidas de atividades mimeografadas com desenhos denominados, “distração”, para ocupar o tempo das crianças, enquanto a professora corrigia os cadernos ou fazia atividades individuais de leitura e escrita.

Entretanto, no ensino fundamental, considerando as quatro séries iniciais, havia no horário uma aula semanal denominada educação artística, que ainda lhe eram apresentadas atividades para colorir, recortar, colar. Nenhuma professora de sala de aula recebia qualquer curso para lecionar nesse horário. Quem lecionava era a professora de sala de aula com formação no Ensino Magistério, curso de formação técnica.

Já nas quatro séries finais do ensino fundamental, antiga 5^a a 8^a séries, a então denominada Educação Artística, já reconhecida pela LDB/1971, permitiu que as entrevistadas, que cursaram o ensino fundamental a partir dessa institucionalização, tivessem 02 aulas semanais com a professora, ainda habilitada

em educação artística, em sua formação no Instituto de Educação de Belo Horizonte, que poderiam lecionar aulas de educação artística e musical.

Nesse quesito, todas as entrevistadas tiveram aulas de desenho geométrico, pintura, desenho, artes decorativas ou iniciação musical.

Os questionários foram preenchidos pelos entrevistados e, dessa forma, avaliados para o prosseguimento da pesquisa de campo. O resultado foi apresentado numa dinâmica de grupo, realizado num horário cedido pelas coordenadoras para uma reunião pedagógica que aconteceu de 18h às 20 horas, com a presença da direção, coordenadoras de ciclos, professoras, assistentes e auxiliares de educação.

O que se esperava realmente sobre a formação das professoras, assistentes e coordenadoras, confirmado no capítulo 1, é que as professoras e assistentes em sua maioria possuíam a graduação em Pedagogia ou Psicologia. A minoria ainda cursava tais graduações. Consideravelmente, 97%, possuíam curso de licenciatura de Pedagogia ou Psicologia. Ainda 30% eram formadas no curso técnico de magistério. As auxiliares, não entraram na pesquisa quantitativa, somente qualitativa, porque ainda estão se qualificando entre o término do ensino fundamental e ou ensino médio, e até mesmo porque não têm a função de dar aulas para as turmas. Estão designadas, mais para os cuidados com a rotina, alimentação, banho, etc.. Considerei as respostas e a entrevista, relevante para sondagem do conhecimento sobre arte.

Quanto às vivências e as práticas artísticas do grupo entrevistado, estão restritas às idas esporádicas ao cinema, sem acesso ao teatro em sua maioria, sem visitas a galerias e museus de arte e sem formação em arte em cursos, seminários, oficinas e cursos de graduação. As professoras graduadas em Pedagogia tiveram uma disciplina sobre ensino de artes. No momento da entrevista, o CDC/UFMG tinha uma professora que desenvolve aulas de Expressão Corporal com ênfase no teatro e dança.

As professoras e as assistentes organizavam as atividades de arte sem entendimento dos objetivos de ensino de arte, pois as atividades denominadas “trabalhinho de arte”, em sua maioria, impressas, eram desenhos para colorir, pintar, colar papéis picados ou enrolados, brocal, algodão, palitos, serragens, farinha, areia. Outras atividades denominadas dobraduras, recortes de revista e desenhos de registro das estórias contadas na sala de aula ou na biblioteca e registros das atividades de Matemática e Português. Faziam também atividades dirigidas

aproveitando sucatas e outros materiais como, botões, lãs, fitas, palitos, folhas secas, etc.. A modelagem era explorada como distração e momento de relaxamento, com massinhas caseiras e às vezes argila.

As coordenadoras procuram adequar essas atividades com a justificativa para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social, eram privilegiadas as áreas de linguagem escrita e falada e construção do número — ou mesmo como finalização de projetos para exposição e mostrar aos pais as produções das crianças, além de decoração de festas, apresentações para as comemorações mensais.

A formação das professoras e das assistentes demonstrou a não preparação, ou seja, o não entendimento de que, para ensinar arte, é preciso lidar com o conhecimento, com a sensibilidade e com a emoção, com identidade e com a subjetividade, buscando ter outros conhecimentos que vão além da sala de aula.

Uma vez que ensinar arte é uma tarefa mais complexa, que demanda conhecimentos específicos, isto é, conhecer métodos, construir metodologias específicas, possibilitar experiências e vivências significativas em fruição, reflexão e elaboração artística. Portanto, precisa-se pensar que para ensinar arte, a escola necessita ter um professor que possua conhecimento e formação em Ensino de Artes Visuais, que tenha um comprometimento com a compreensão do fenômeno educativo em seus múltiplos aspectos (econômico, social, psicológico, político, ideológico) e de bases didático-metodológicas capazes de permitir de modo competente na sua prática pedagógica.

2.3 Segunda etapa: “Imagens que falam através dos Jogos de Arte”

Educar o modo de ver, observar, sentir, experimentar, ouvir e falar é muito importante para transformar e ter consciência da nossa participação do mundo que nos cerca, na realidade cotidiana e alcançar os seres, as coisas e as formas do mundo ao redor. Para Cardoso: “A simples visão supõe e expõe um campo de significações, ele, o olhar – necessitado, inquieto, inquiridor, as deseja e procura, seguindo a trilha de sentido. O olhar pensa, é a visão feita interrogação.” (CARDOSO, 1988, p.349).

Mais do que a preocupação com determinadas propostas, métodos e a compreensão dos mesmos, o meu trabalho foi de apresentar algumas intervenções pedagógicas apoiadas em fundamentas em teorias e práticas da educação da arte,

de forma diferenciada do trabalho das professoras de sala de arte em relação às crianças e do próprio repertório de conhecimento das professoras.

No 1º Momento, fiz uma sondagem para o levantamento do repertório das crianças e das professoras. Por onde começar? Quem são essas crianças? E sobre as professoras? O que tenho como resultado da entrevista e do questionário?

Sabia que já possuía um vínculo que me permitia dar prosseguimento às minhas investigações. Precisava, então, de visitar todas as turmas e observar o que as professoras sistematizavam para as suas aulas de artes. Observar suas rotinas, seu tempo e o tempo das atividades e das crianças. Nesses momentos, abriam-se janelas para que eu construísse algo que pudesse ser vivido e compartilhado com as professoras e as crianças.

Com o olhar de observadora que registra e guarda, passei a olhar, sem perder de vista e sabendo aonde chegar. Em minhas observações, deparei-me com as rotinas das crianças e das professoras e auxiliares. Hora da chegada. Roda de conversas. Organização de materiais, lanche da fruta, lanche da tarde. Hora de lavar as mãos, lanche, escovar dentes e brincar. Hora de relaxamento. Atividades de construção da escrita e do número, biblioteca, brinquedoteca, expressão corporal, etc.. Ufa! Até que enfim sobrou um tempinho para que as crianças fizessem algum trabalhinho de arte. Isso mesmo, “trabalhinho de arte”, colorir um desenho impresso bem grande. Brincar de massinha sem fazer bagunça e sem misturar as cores. Pintar em folhas de papel A4. Tentar fazer dobraduras complicadas em série do jeito que a professora ia dirigindo e passando cola para as crianças. Recortar nas linhas pontilhadas, modelos de máscaras, fantoches de palitos ou personagens de estórias infantis. Colar algodão, bolinhas de papel crepom, farinha, areia, papéis picados, sobre os desenhos prontos e muitas vezes desenhar o que mais gostou das estórias que foram lidas em sala de aula ou na biblioteca.

Para esse momento solicitei a escola duas estagiárias que acompanhariam a rotina de sala de aula e fizessem um planejamento para desenvolver com as turmas que tivessem acompanhando.

As estagiárias, Suzana Dantas, Ludmila e Eurídice, alunas do curso de Licenciatura em Educação Artística da Escola Guignard, acompanharam as turmas escolhidas, entre Berçário, Maternal e Jardim. Para a pesquisa, cada estagiária acompanhou duas turmas em turnos diferentes.

Após as observações, as estagiárias, conhecendo bem o grupo, puderam apresentar sugestões e auxiliar as crianças a desenvolverem as propostas pelas quais optaram, indicando materiais mais adequados a cada turma de acordo com as fases de desenvolvimento criativo.

Mediante a observações e estratégias, organizamo-nos da seguinte forma: Durante duas semanas, apresentaríamos a proposta de conhecer a história, crítica, estética e a produção de arte, usando jogos de artes, como quebra cabeça, jogo da memória e bingo. Os mesmos jogos seriam usados para a educação e sensibilização do olhar tanto das crianças quanto das professoras.

Então foram desenvolvidas as seguintes práticas:

1- APRECIAR ARTE

Experiência 1 – CAIXAS SENSORIAIS (crianças de 0 a 02 anos)

- Observação e identificação de objetos que são colocados dentro das caixas sensoriais.

Cada criança deve tocar e experimentar os objetos dentro de cada caixa (FOTO 2).

Assim que retira esse objeto, ela olha, cheira, toca, ouve, movimenta-se, sente, pensa. O corpo é o canal de suas sensações, sentimentos, emoções e está aberta às leituras das imagens pelas quais vê, reconhece e repete o que aprende, mas sem se preocupar de que forma irá representar esse conhecimento, logo é importante a escolha de materiais que contemplem a maior diversidade possível e que sejam significativos para as crianças. É aconselhável que, por meio da apreciação, as crianças reconheçam e estabeleçam relações com o seu universo, podendo conter pessoas, animais, objetos específicos às culturas regionais, cenas

familiares, cores, formas, linhas, texturas, sabores, cheiros, sons e outros materiais diferentes. É importante oferecer sempre oportunidades sensoriais e perceptivos com o mundo natural e em suas relações humanas. Nesses casos, há de se observar o sentido narrativo que elas atribuem a essas imagens e considerá-lo como parte do processo de construção da leitura de imagens. É aconselhável que as crianças realizem uma observação livre das imagens e que possam tecer os comentários que desejarem de tal forma, que todo o grupo participe. O professor pode atuar como um provocador da apreciação e leitura da imagem. Nesses casos, o professor deve acolher e socializar as falas das crianças.

Foto 2 – Caixas Sensoriais



Fonte: autoria própria.

Experiência 2 – Jogo da Memória Gigante (crianças de 03 e 04 anos)

- Conhecimento da diversidade de produções artísticas, como desenhos, pinturas, esculturas, construções, fotografias, colagens, ilustrações, cinema etc..
- Apreciação das suas produções e das dos outros, por meio da observação e leitura de alguns dos elementos da linguagem plástica.

- O Jogo da Memória e o Quebra Cabeça são do conhecimento das crianças nessa faixa etária. Elas conseguem socializar, entender as regras e socializar a brincadeira em grupo.

Ao trabalhar com a leitura de imagens através do jogo da memória, é importante elaborar perguntas que instiguem a observação, a descoberta e o interesse das crianças, como: “O que você mais gostou?”, “Como o artista conseguiu estas cores?”, “Que instrumentos e meios ele usou?”, “O que você acha que foi mais difícil para ele fazer?”. Esse é um bom momento para descobrir que temas são mais significativos para elas. O professor poderá criar espaços para a construção de uma observação mais apurada, instigando a descrição daquilo que está sendo observado.

As intervenções e o compartilhamento dessas descobertas fomentam as verbalizações e até ajudam as crianças na apreensão significativa de uma linguagem artística e geral da imagem, deixando sempre que as crianças façam intervenções pertinentes nas suas interpretações. A disponibilização de livros sobre a vida do autor, suas obras e outras características. As informações vão sendo simplificadas ou aprofundadas conforme a curiosidade e as possibilidades do jogo da memória. Algumas crianças conseguem destacar cores e outras, dependendo da sensibilidade, arriscam comentários sobre as texturas, formas, materiais entre o trabalho do artista e de suas próprias produções. As crianças têm prazer em reconhecer certas figuras, identificando-as às personagens de uma história já conhecida, de um desenho e, até mesmo, de alguns filmes vistos na televisão, livros, revistas. A partir disso, pode-se construir novos jogos, permitindo, inclusive, que os temas abordados nos novos jogos possam privilegiar a interdisciplinaridade, conseguindo resultados em relação ao ensino e aprendizagem.

As crianças podem observar imagens figurativas fixas ou em movimento e produções abstratas. Se for dada a oportunidade para o trabalho com objetos e imagens da produção artística (regional, nacional ou internacional), se for possibilitado o contato com artistas, as visitas às exposições etc., o professor estará criando possibilidade para que as crianças desenvolvam relações entre as representações visuais e suas vivências pessoais e ou coletivas enriquecendo o seu conhecimento do mundo, das linguagens das artes e as instrumentalizando como leitoras e produtoras de trabalhos artísticos.

Experiência 3 – Jogo Galeria de Arte – (crianças de 05 e 06 anos)

- Conhecimento da diversidade de produções artísticas, como desenhos, pinturas, esculturas, construções, fotografias, colagens, ilustrações, cinema, etc..
- Apreciação das suas produções e das dos outros, por meio da observação e leitura de alguns dos elementos da linguagem plástica.
- Observação dos elementos constituintes da linguagem visual: ponto, linha, forma, cor, volume, contrastes, luz, texturas.
- Leitura de obras de arte a partir da observação, narração, descrição e interpretação de imagens e objetos.
- Apreciação das Artes Visuais e estabelecimento de correlação com as experiências pessoais.

O jogo “Galeria de Arte”, registrado na foto 3 abaixo, propicia às crianças dessa faixa etária conhecimentos da história, estética, produção e crítica de arte em seu contato visual com as reproduções de artes de diversas modalidades e de artistas que farão parte do seu repertório visual e do enriquecimento da linguagem plástica. Além de desenvolver o gosto estético. A subjetividade, o sentimento e a intenção da expressividade que as imagens podem proporcionar.

Foto 3 – Jogo “Galeria de Arte”



Fonte: autoria própria.

As imagens em seu repertório trazem temas diferentes, abordando novos conceitos e conteúdos de arte entre eles, a época, a cultura e os estilos das obras. Os elementos de composição, ponto, linha, texturas, volume, dimensionalidades, materialidade, que podem ser ressaltados através da fala do professor e das intervenções pertinentes das crianças.

A expressividade e o gosto estético podem ser ressaltados no momento em que as crianças expressam o seu gosto estético, fazem intervenções pertinentes através das suas observações e críticas, além de terem a oportunidade de serem compradores de obras de artes. O jogo é composto de reproduções de arte, recortes de corações, cédulas de dinheirinhos com valores diferentes (FOTO 3).

Foto 4 – Jogo “Quebra Cabeça das Artes”



Fonte: autoria própria.

Ao pensar em nutrir esteticamente o olhar e sensibilizar todos os sentidos, das crianças, das professoras, das assistentes e das coordenadoras, desenvolve-se atividades, que surgem, a partir de jogos, com imagens das várias linguagens artísticas: fotografia, cinema, desenho, gravura, instalação, modelagem, escultura, pintura (FOTO 5). Consegue-se, assim, um olhar diferente, provocando uma experiência significativa, sobre a linguagem visual no contato com a estética, história, crítica e produção de arte.

Foto 5 – Crianças folheando os livros de artes



Fonte: autoria própria.

2- O Fazer Artístico

Experiência 1 – Modelagem (crianças de 0 a 02 anos)

- Exploração e manipulação de materiais (FOTO 6), como lápis e pincéis de diferentes texturas e espessuras, brochas, carvão, carimbo etc.; de meios, como tintas, água, areia, terra, argila etc.; e de variados suportes gráficos, como jornal, papel, papelão, parede, chão, caixas, madeiras, etc..

- Exploração e reconhecimento de diferentes movimentos gestuais, visando à produção de marcas gráficas.
- Cuidado com o próprio corpo e dos colegas no contato com os suportes e materiais de artes.
- Cuidado com os materiais e com os trabalhos e objetos produzidos individualmente ou em grupo.

Foto 6 – Modelagem argila – crianças, 02 anos



Fonte: autoria própria.

A produção artística, além de ser atividade do sensível deve ser articulada de maneira que a criança pequena tenha um tempo para o desenvolvimento da mesma e que possa conhecer e manusear diversos materiais e ferramentas.

Considera-se aqui a utilização de instrumentos, materiais e suportes diversos, como lápis, pincéis, tintas, papéis, cola, etc., para o fazer artístico a partir do momento em que as crianças já tenham condições motoras para seu manuseio (FOTO 8).

As crianças podem manusear diferentes materiais, perceber marcas, gestos e texturas, explorar o espaço físico e construir objetos variados. Essas atividades devem ser bem dimensionadas e delimitadas no tempo, pois o interesse das crianças dessa faixa etária é de curta duração, e o prazer da atividade advém

exatamente da ação exploratória. Nesse sentido, a confecção de tintas e massas com as crianças é uma excelente oportunidade para que elas possam descobrir propriedades e possibilidades de registro, além de observar transformações. Vários tipos de tintas podem ser criados pelas crianças, utilizando elementos da natureza, como folhas, sementes, flores, terras de diferentes cores e texturas que, misturadas com água ou outro meio e peneiradas, criam efeitos instigantes quando usadas nas pinturas. Há também diversas receitas de massas caseiras com corantes comestíveis que são excelentes para modelagem. Outra possibilidade é pesquisar junto com as crianças a existência de locais próximos à instituição de onde se podem extrair tipos de barro, propícias modelagens.

Foto 7 – Crianças pintando, 03 anos



Fonte: autoria própria.

O trabalho com estruturas tridimensionais (FOTO 8) também pode ser desenvolvido por meio da colagem, montagem e justaposição de sucatas previamente selecionadas, limpas e organizadas, provenientes de embalagens diversas, elementos da natureza, tecidos etc. É preciso observar cuidadosamente que as sucatas selecionadas sejam adequadas ao trabalho que se quer desenvolver. Assim, para um jogo de construção, por exemplo, é preciso oferecer

sucatas que possam ser empilhadas, encaixadas, justapostas, etc.. Da mesma forma, para trabalhos de colagem, as sucatas devem oferecer uma superfície que aceite a cola e que permitam a composição com diferentes suportes e materiais. É importante considerar, ainda, o percurso individual de cada criança, evitando-se a construção de modelos padronizados.

Foto 8— Crianças modelando, 04 e 05 anos



Fonte: autoria própria.

Experiência 3 – A História da Pintura – crianças de 03 e 04 anos

Iniciamos a atividade de desenho ou pintura contando a história da arte sobre a origem da pintura e, ao mesmo tempo, mostramos os materiais e suportes desde a arte rupestre até os dias de hoje, deixando que as crianças possam tocar e estimulando as diversas técnicas de pintura e desenho. A preparação desses suportes e materiais devem ser seguras e de acordo com as idades das crianças permitindo mais liberdade gestual, movimentos amplos e que favoreçam uma

exploração da dimensionalidade espacial, tão importante para as crianças dessas faixas etárias.

As marcas gráficas realizadas em diferentes superfícies, inclusive no próprio corpo, permitem a percepção das variadas possibilidades de impressão.

A articulação entre as sensações corporais e as marcas gráficas, bem como o registro gráfico que surgir daí, fornecerá às crianças um maior conhecimento de si mesmas e poderá contribuir para as atividades de representação da própria imagem, dos sentimentos e de suas experiências corporais. Essas atividades podem se dar sobre a areia seca ou molhada, na terra, sobre diferentes tipos e tamanhos de papel etc. Pode-se, por exemplo, utilizar tinta para imprimir marcas em um papel comprido sobre o qual as crianças caminham e vão percebendo, aos poucos, que as inscrições, no início, bem visíveis, vão ficando cada vez mais fracas até desaparecerem. Essa atividade pode ser aplicada também a crianças com idade abaixo dos 03 anos (FOTO 9).

Sugere-se que sejam apresentadas atividades variadas que trabalhem uma mesma informação de diversas formas. Pode-se, por exemplo, eleger um instrumento, como o pincel, para crianças que já manuseiam esse instrumento, e usá-lo sobre diferentes superfícies (papel liso, rugado, lixa, argila etc.) ou um mesmo meio, como a tinta, por exemplo, em diversas situações (soprada em canudo, com esponjas, com carimbos etc.).

É preciso trabalhar com as crianças os cuidados necessários com o próprio corpo e com o corpo dos outros, principalmente com os olhos, boca, nariz e pele, quando elas manuseiam diferentes materiais, instrumentos e objetos.

Os diversos materiais para produções artísticas devem ser organizados de maneira a que as crianças tenham fácil acesso a eles. Isso contribui para que elas possam cuidar dos materiais de uso individual e coletivo, desenvolvendo noções relacionadas à sua conservação.

Foto 9 – Crianças pintando, 0 a 01 ano



Fonte: autoria própria.

Experiência 4 – Desenho e a Gravura (crianças de 04 e 05 anos)

- Criação de desenhos, pinturas, colagens, modelagens a partir de seu próprio repertório e da utilização dos elementos da linguagem das Artes Visuais: ponto, linha, forma, cor, volume, espaço, textura etc.
- Exploração e utilização de alguns procedimentos necessários para desenhar, pintar, modelar etc.
- Exploração e aprofundamento das possibilidades oferecidas pelos diversos materiais, instrumentos e suportes necessários para o fazer artístico.
- Exploração dos espaços bidimensionais e tridimensionais na realização de seus projetos artísticos.
- Organização e cuidado com os materiais no espaço físico da sala.
- Respeito e cuidado com os objetos produzidos individualmente e em grupo.

- Valorização de suas próprias produções, das de outras crianças e da produção de arte em geral.

Foto 10 – Monotipia



Fonte: Arquivo CDC/UFMG, s/d.

Para que as crianças desenvolvam suas produções, é preciso oferecer oportunidades diversas para que elas se familiarizassem com alguns procedimentos ligados aos materiais utilizados, aos diversos tipos de suporte, e para que possam refletir sobre os resultados obtidos. É aconselhável, portanto, que o trabalho seja organizado de forma a oferecer às crianças a possibilidade de contato, uso e exploração de materiais, como caixas, latinhas, diferentes papéis, papelões, copos plásticos, embalagens de produtos, pedaços de pano etc. É indicada a inclusão de materiais típicos das diferentes regiões brasileiras, pois, além de serem mais acessíveis, possibilitam a exploração de referenciais regionais.

Para que a criança possa desenhar, é importante que possa fazê-lo livremente sem intervenção direta, explorando os diversos materiais, como lápis preto, lápis de cor, lápis de cera, canetas, carvão, giz, penas, gravetos etc., e

utilizando suportes de diferentes tamanhos e texturas, como papéis, cartolinas, lixas, chão, areia, terra etc.

Há várias intervenções possíveis de serem realizadas e que contribuem para o desenvolvimento do desenho da criança. A monotipia (FOTO 10), serigrafia (FOTOS 11 e 12), xilogravura em isopor e a gravura em metal com cd usado podem ser feitas pelas crianças, é ideal sugerir-lhes, por exemplo, que copiem seus próprios desenhos em escala maior ou menor. Esse tipo de atividade possibilita que a criança reflita sobre seu próprio desenho e organize de maneira diferente os pontos, as linhas e os traçados no espaço desses materiais. Outra possibilidade é utilizar papéis que já contenham algum tipo de intervenção, como, por exemplo, um risco, um recorte, uma colagem de parte de uma figura, etc. para que a criança desenhe a partir disso.

É interessante propor às crianças que façam desenhos a partir da observação das mais diversas situações, cenas, pessoas e objetos.

Foto 11 – Serigrafia – o processo



Fonte: Arquivo CDC-UFMG, s/d.

Foto 12 – Serigrafia – a produção



Fonte: Arquivo CDC-UFMG, s/d.

As histórias, as imagens significativas ou os fatos do cotidiano podem ampliar a possibilidade de as crianças escolherem temas para trabalhar expressivamente. Tais intervenções educativas devem ser feitas com o objetivo de ampliar o repertório e a linguagem pessoal das crianças e enriquecer seus trabalhos. Os temas e as

intervenções podem ser um recurso interessante desde que sejam observados seus objetivos e função no desenvolvimento do percurso de criação pessoal da criança. É preciso, no entanto, ter atenção quanto à programação de atividades para as crianças para se favorecer também aquelas originárias das suas próprias ideias ou geradas pelo contato com os mais diversos materiais. Depois de conhecer bem o grupo, apresenta-se sugestões e se auxilia as crianças a desenvolverem as propostas pelas quais optaram, indicando materiais mais adequados a cada uma.

As criações tridimensionais (FOTO 13) são feitas em etapas, pois exigem diversas ações, como colagem, pintura, montagem, etc.. Fazer maquetes de cidades ou brinquedos são exemplos de atividades que podem ser realizadas e que envolvam a composição de volumes, proporcionalidades, equilíbrios, etc..

Foto 13 – Esculturas de papelão



Fonte: autoria própria.

Ao realizar essas atividades artísticas, deve-se sempre respeitar as fases do desenvolvimento criativo da criança, organizando horário de artes visuais para cada turma, temas interdisciplinares, projetos construídos com a participação das crianças e das professoras de sala de aula.

Foto 14 – Pintura com pigmentos de terra



Fonte: autoria própria.

Ao tratarmos de todas essas atividades artísticas no CDC/UFMG (FOTO 14), procuramos abranger os eixos norteadores da proposta em artes visuais: a **Experiência do Fazer Artístico**, que contempla a criatividade, considerando o processo único e individual de cada uma das crianças, não deixando de conhecer as técnicas; a **Apreciação de Obras de Arte**, no contato com a Arte dentro e fora da escola, visitando museus, galerias, cinema, teatro, dança e todos os outros espaços que produzam Arte, para que tenham o conhecimento da **História da Arte** possibilitando o senso crítico através das suas percepções de análise do contexto em que as obras foram produzidas, bem como da maneira que elas se relacionam no contexto atual.

2.4 Organização da Sala de Artes Visuais – espaço físico e recursos materiais e avaliação.

Organização do espaço

A organização da sala de arte aconteceu aos poucos e de acordo com as atividades e projetos de arte. À medida que os materiais eram solicitados, as contribuições dos pais e das crianças iam chegando, eu e as estagiárias fazíamos a seleção e organização dos locais apropriados e definidos na sala de arte.

Procuramos acomodá-los de maneira que lhes propiciasse melhor visibilidade, conforto e o máximo de autonomia para o acesso e uso dos materiais. Espaços apertados inibem a expressão artística, enquanto os espaços suficientemente amplos favorecem a liberdade de expressão. Nesse sentido, vale lembrar que os locais escolhidos favoreceram o andar, o correr e o brincar das crianças. Devem, também, ser concebidos e equipados de tal forma que sejam interessantes para as crianças, privilegiando o desejo de produzir e o prazer de estar ali. Precisam, igualmente, permitir o rearranjo do mobiliário de acordo com as propostas. Faz parte do processo criativo, uma pequena desordem, no local de trabalho causada, por exemplo, pela variedade de materiais utilizados (FOTO 15). A arrumação do espaço ao término das atividades deve envolver a participação das crianças.

Foto 15 – Sala de Artes Visuais– Pias, prateleiras, caixotes e armários



Fonte: autoria própria.

A arrumação do espaço ao término das atividades deve envolver a participação das crianças.

O espaço deve possibilitar também a exposição dos trabalhos e sua permanência nesse local pelo tempo que for desejável, por isso foram estendidos dois varais na sala.

Muitas vezes as atividades nas instituições acontecem num mesmo espaço, porém o CDC disponibilizou no espaço multimeios uma sala especialmente para que pudéssemos criar cantos específicos para cada atividade: cantos de brinquedos, de Artes Visuais, de leitura de livros, etc.

Nos cantinhos da sala de artes, foram acomodadas caixas que abrigavam os materiais, o chão revestido de cerâmica antiderrapante e lavável. A secagem das produções podia ser feita pregando os trabalhos em varais ou em paredes, tudo foi organizado de forma transitória, mas que possibilitasse a realização de uma atividade em Artes Visuais.

É possível organizar ateliês, que são espaços específicos e próprios para a realização de diferentes atividades em Artes Visuais. Nesses ateliês, os materiais ficam acessíveis às crianças, em prateleiras, estantes, caixas etc., de forma a permitir a livre escolha. A presença de torneiras e pias fundamentais para a lavagem de pincéis, brochas e outros tipos de materiais, assim como as mãos, rostos, etc.. Quanto ao armazenamento das produções realizadas, pastas e arquivos também podem fazer parte desses locais que devem, inclusive, abrigar exposições permanentes das produções.

O espaço deve possibilitar também a exposição dos trabalhos e sua permanência nesse local pelo tempo que for desejável, por isso foram estendidos dois varais na sala.

Muitas vezes as atividades nas instituições acontecem num mesmo espaço, no entanto, o CDC disponibilizou no espaço multimeios uma sala especialmente para que pudéssemos criar cantos específicos para cada atividade: cantos de brinquedos, de Artes Visuais, de leitura de livros (FOTO 16), etc..

Foto 16 – Sala de Artes Visuais – Cantinho para leitura



Fonte: autoria própria.

Os recursos materiais

Os materiais são bases da produção artística. É importante garantir às crianças acesso a uma grande diversidade de instrumentos, meios e suportes (FOTO 17).

Foto 17 – Sala de Artes visuais – Ateliê de modelagem



Fonte: autoria própria.

Alguns deles são de uso corrente, como; lápis preto, lápis de cor, pincéis, lápis de cera, carvão, giz, brochas, rolos de pintar, espátulas, papéis de diferentes tamanhos, cores e texturas, caixas, papelão, tintas, argila, massas diversas, barbantes, cola, tecidos, linhas, lã, fita crepe, tesouras, etc..

Outros materiais podem diversificar os procedimentos em Artes Visuais, como; canudos, esferas, conta-gotas, colheres, cotonetes, carretilhas, fôrmas diversas, papel-carbono, estêncil, carimbos, escovas, pentes, palitos, sucatas, elementos da natureza, etc..

Com relação às sucatas, é importante que se faça uma seleção, garantindo que não ofereçam perigo à saúde da criança, que estejam em boas condições e que sejam adequadas ao uso. Cada região brasileira possui uma grande variedade de materiais próprios, tanto naturais quanto artesanais e industrializados. O professor pode e deve aproveitá-los desde que sejam respeitados os cuidados descritos.

Materiais e instrumentos, como televisão, vídeos, projetores de slides, retroprojetores, mesas de luz, computadores, fotografias, xérox, filmadoras, CD-ROM, etc., possibilitam o uso da tecnologia atual na produção artística, o que enriquece a quantidade de recursos de que o professor pode lançar mão.

3 APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA CURRICULAR PARA O ENSINO DE ARTES VISUAIS NO CENTRO DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Ao final da pesquisa, foi apresentada ao CDC/UFMG, para apreciação, a Proposta Curricular para o Ensino de Artes Visuais, bem como os registros da pesquisa, fotos, filmagens, projetos e a sala toda pronta para o desenvolvimento e para as aulas.

O que foi organizado e desenvolvido no CDC/UFMG vai além do que foi apresentado nesta monografia, pois o ensino de Artes Visuais deve romper barreiras de exclusão, integrado às novas tecnologias e meios, apresentar propostas contemporâneas e, na prática, deve respeitar a criança em suas experiências e descobertas, estimulando e educando, para que ela se arrisque a desenhar, pintar, trazer novidades, compartilhar conhecimentos, para que a arte aponte caminhos para que a vida tenha mais sentido.

Foram muitas as atividades concebidas e desenvolvidas, considerando as nossas ações principais: analisar obras de arte, fazer artístico e a contextualização, levando em conta as vivências lúdicas, reconhecendo a arte como conhecimento. Assim, abrimos espaço para que as intervenções, seguidas de ações pedagógicas, pudessem fazer diferença, para a imaginação, a auto-expressão, a descoberta e a invenção.

Compreendo que a Arte Visual, inserida no currículo de Educação Infantil, envolve o fazer, o pensar e o respeito humano, não podendo deixar de interagir com outras áreas do conhecimento. Sugiro que as aulas aconteçam duas vezes por semana, com a duração de 50 minutos, para as crianças de parcial e integral dos ciclos Maternal (02 e 03 anos) e Jardim (04 a 06 anos). No Berçário (0 a 09 meses) e Maternal (01 ano), duração de 30 a 40 minutos.

Dessa forma, a seguir, apresento os conteúdos e os eixos de aprendizagem no Currículo em Artes Visuais para a Educação infantil.

**PROJETO INSTITUCIONAL DE ARTES VISUAIS
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA – UFMG**

ÁREA: ARTES VISUAIS

PÚBLICO ALVO: CRIANÇAS DE 0 A 06 ANOS

DURAÇÃO: FEVEREIRO/DEZEMBRO

PROFESSORA: MARILZA DUTRA DAS MERCÊS

***Aulas Indicativas: 02 Módulos semanais de 50 minutos para as turmas de Integral, Maternal III, 1º, 2º e 3º Períodos e 01 Módulo de 50 minutos para as turmas do Parcial.**

01 Módulo semanal de 40 minutos para Berçário e Maternal

I – PROPOSTA

A criança, na educação infantil, se encontra em fase de pensamento concreto e faz largo uso de seus sentidos para enriquecer suas experiências. Nessa fase, as atividades artísticas fornecerão ricas oportunidades para o seu desenvolvimento, uma vez que põem ao seu alcance os mais diversos tipos de material para manipulação. [Quando as habilidades infantis são estimuladas, ajudam no processo de aprendizagem, pois desenvolvem a percepção e a imaginação — recursos indispensáveis para a compreensão de outras áreas do conhecimento humano, estabelecendo, sempre, um diálogo entre todos os participantes da turma - uma questão fundamental para que haja uma comunicação ampla — que será ampliado, desenvolvido, trabalhado, estimulado, aprimorado e praticado com constância, para que a criança tenha o máximo desempenho de sua capacidade cognitiva. Artes Visuais, na Educação Infantil, têm um papel fundamental, envolvendo os aspectos cognitivos, sensíveis e culturais. Até bem pouco tempo, o aspecto cognitivo não era considerado na Educação Infantil e esta não estava integrada na Educação Básica. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/96 veio garantir este espaço à Educação Infantil, bem como às Artes Visuais, neste contexto.

METODOLOGIA:

O planejamento de ensino da arte é um processo de reflexão e decisão que deve partir da realidade dos aprendizes, do objeto de conhecimento e do contexto em que se dá a ação pedagógica, incluindo os dados de uma avaliação diagnóstica.

Dessa forma o planejamento foi pensado, ainda os critérios para a seleção dos conteúdos, orientação dos objetivos, desenvolvimento de habilidades e de procedimentos. Coube, ainda, observar a flexibilidade dos tempos destinados a cada etapa do processo, respeitando os ritmos próprios da realidade em que estão inseridos o tempo, as idades e a rotina. A adequação de objetivos, de conteúdos e de procedimentos foi essencial na elaboração do plano de ensino de Artes Visuais.

Fundamentado por Propostas Contemporâneas:

Proposta Triangular, Parâmetros Curriculares, DBAE, *Arts Propel* e *Critical Studies*;

Apreciação e análise de obras de Arte;

Novos meios e tecnologias.

Influência da televisão e da estética do cotidiano / o rompimento de barreiras entre o erudito e o popular / a não hierarquização entre as culturas

Assim, no planejamento inclui situações de ensino que promovam entre os estudantes a capacidade de estabelecer relações, de pesquisar, de selecionar e processar informações de forma autônoma e significativa.

Crianças de 0 a 03 anos

- Nesta fase, o que tem valor pela utilização de instrumentos, materiais e suportes diversos, como lápis, pincéis, tintas, papéis, cola, etc.; para a prática da arte, a partir do momento em que as crianças tenham condições motoras para o manuseio. As atividades devem ser bem dimensionadas e delimitadas no tempo.
- Quanto à apreciação de imagens, deve-se proporcionar o maior número de materiais variados possível e que tenham significados para a criança.

Crianças de 04 a 06 anos:

- Para que as crianças nesta faixa etária possam criar suas produções, o professor deve oferecer oportunidades diversas para que elas se familiarizem com alguns procedimentos ligados aos materiais utilizados, os diversos tipos de suporte e para que possam pensar sobre os resultados obtidos. Sendo assim, o trabalho deve ser

organizado de forma a oferecer para as crianças a possibilidade de contato, uso e exploração de materiais.

- Nesta fase, ao trabalhar com visualização de imagens, é importante elaborar perguntas que instiguem a observação, a descoberta e o interesse da criança.

Na avaliação em arte, foi preciso estabelecer critérios prévios de acordo com as finalidades do ensino e suas formas de mediação. Critérios bem formulados organizam o pensamento e propiciam a criatividade. Quando o professor tem clareza dos objetivos a serem atingidos, ela consegue articular conteúdos e metodologias melhores e mais adequados para que a avaliação cumpra seu papel. Assim, se o objetivo do ensino da arte é desenvolver capacidades, a avaliação deve ter como finalidade verificar se a criança, ao final de uma etapa do processo, demonstra a capacidade almejada.

Os critérios da avaliação previamente estabelecidos devem ser explicitados e discutidos com as crianças, para que elas possam orientar suas iniciativas para atingir resultados positivos.

De acordo com os Parâmetros Curriculares em Artes Visuais, avaliação deve buscar entender o processo de cada criança, a significação que cada trabalho comporta, afastando julgamentos, como feio ou bonito, certo ou errado, que utilizados dessa maneira em nada auxiliam o processo educativo.

A observação do grupo, além de constante, deve fazer parte de uma atitude sistemática do professor dentro do seu espaço de trabalho. O registro dessas observações e das percepções que surgem ao longo do processo, tanto em relação ao grupo quanto ao percurso individual de cada criança, fornece alguns parâmetros valiosos que podem orientar o professor na escolha dos conteúdos a serem trabalhados. Podem, também, ajudá-lo a avaliar a adequação desses conteúdos, colaborando para um planejamento mais afinado com as necessidades do grupo de crianças.

Quando se aborda a questão da avaliação em Artes Visuais, surge inevitavelmente a discussão sobre a possibilidade de realizá-la, posto que as produções em artes, são sempre expressões singulares do sujeito produtor e, sendo assim, não seriam passíveis de julgamento.

Em Artes Visuais a avaliação deve ser sempre processual e ter um caráter de análise e reflexão sobre as produções das crianças. Isso significa que a avaliação para a criança, deve explicitar suas conquistas e as etapas do seu processo criativo;

para a professora, deve fornecer informações sobre a adequação de sua prática para que possa repensá-los e estruturá-los sempre com mais segurança.

São consideradas como experiências prioritárias em Artes Visuais realizada para as crianças de 0 a 03 anos de idade: a exploração de diferentes materiais e a possibilidade de expressar-se por meio deles. Para isso, é necessário que as crianças tenham tido oportunidade de desenhar, pintar, modelar, brincar com materiais de construção em diversas situações, utilizando os mais diferentes materiais.

A partir dos 04 e até os 06 anos, uma vez que tenham tido muitas oportunidades, na instituição de educação infantil, de vivenciar experiências envolvendo as Artes Visuais, pode-se esperar que as crianças utilizem o desenho, a pintura, a modelagem e outras formas de expressão plástica para representar, expressar-se e comunicar-se. Para tanto, é necessário que as crianças tenham vivenciado diversas atividades, envolvendo o desenho, a pintura, a modelagem etc., explorando as mais diversas técnicas e materiais.

Os critérios da avaliação previamente estabelecidos devem ser explicitados e discutidos com os alunos, para que eles possam orientar suas iniciativas para atingir resultados positivos.

Cabe-nos, ainda, ressaltar que a avaliação em arte não deve incentivar a competição entre colegas, mas possibilitar as trocas de modo cooperativo estimulando as descobertas e a criatividade. Também devemos lembrar que para o professor, o desempenho de seus alunos é referência para a avaliação do trabalho docente, confirmação de acertos, indicação de mudanças na condução das aulas, além de indicar elementos para a preparação de material. Desse modo, o resultado da avaliação estimula avanços e estabelece metas para superação das dificuldades.

Durante o desenvolvimento dos projetos, em relação aos meios e processos avaliativos poderão ser das seguintes formas:

Portfólio é o conjunto de anotações, desenhos, recortes, fotografias, textos, trabalhos e todos os registros da trajetória de aprendizagem da criança. É indicado para o acompanhamento na avaliação processual.

Ficha de observação é apropriada para o registro de participação em apresentações e debates que fazem parte da avaliação individual ou coletiva.

Exercícios e trabalhos escritos podem utilizados na verificação de aprendizagem de conteúdo teórico.

Autoavaliação é uma forma de estimular o posicionamento da criança perante seu próprio desempenho. Trata-se de um espaço para a expressão da criança e é indispensável na avaliação em arte.

OBJETIVO

Propiciar à criança condições de desenvolver suas percepções pessoais, aprimorando sua leitura de um mundo com maior conhecimento, criatividade, sensibilidade e coerência, integrando-se à vida e assumindo o seu papel com encanto e autonomia.

CONTEÚDO E HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS:

Apreciação de Arte

- Compreender e apreciar a Arte como importante meio de expressão e comunicação (FOTO 18).
- Desenvolver a sensibilidade artística, através da reflexão e observação de obras de arte.
- Apreciar arte como uma atividade enriquecedora, construtiva e importante instrumento de transmissão de valores culturais.

Foto 18 – Leitura de livros de arte



Fonte: autoria própria.

Fazer

-Desenvolver o gosto estético e os aspectos físico, intelectual, emocional e perceptivo, através das suas produções e as dos colegas (FOTO 19).

Desenvolver a autoconfiança e o discernimento ao experimentar novas técnicas, materiais diversificados, julgar e avaliar pertinentemente produções artísticas.

- Produzir arte, utilizando a expressão do Desenho, da Pintura, da Gravura, da Escultura, da Fotografia, da Colagem, desenvolvendo o gosto, o cuidado, o respeito e a compreensão do processo de produção e criação.

Foto 19 – Projeto: “O Mundo Imaginário de Miró” – Técnica, Monotipia

Fonte: autoria própria.

Contextualização

- Compreender que a arte tem várias funções na sociedade e na cultura e que, através da história, crítica, estética e produção artística, podemos interpretar o mundo; expressar o pensamento, explicar e refletir sobre os fatos, contextualizando, no dia a dia, a história humana.
- Visitar locais que produzam ou exibam arte, como museus, galerias, bibliotecas, teatro, cidades históricas (FOTO 20).

Foto 20 –Visita à Ouro Preto



Fonte: autoria própria.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A permanência no Centro de Desenvolvimento da Criança durante os meses de agosto a dezembro, como estagiária de Artes Visuais, juntamente com a Ludmila, Eurídice e Suzana Dantas, nos fez refletir em nossas ações.

Esperamos que as nossas ações, enquanto professoras de Artes Visuais façam das nossas práticas educativas, significativas e qualitativas, ao mesmo tempo garantindo que a arte deixará de ser somente uma atividade decorativa e festiva. Levamos para o CDC a importância e a valorização do Ensino de Artes Visuais, enquanto conhecimento que organiza o mundo da criança, sua compreensão, o relacionamento com o outro e com o meio.

Dessa forma, as atividades devem conduzir a criança à descoberta das várias áreas artísticas, à sua autonomia e à sua capacidade criadora e inventiva.

Desejando tão somente que a disciplina de Artes Visuais, na Educação Infantil, seja uma área do saber, uma disciplina tão importante ou mais que a matemática, o português, mas que seja relacionada com a filosofia, sociologia, pedagogia e história.

Deixamos aqui questões e levantamentos sobre a importância do Ensino de Artes Visuais. Fizemos seminários, propostas, abordamos e apresentamos teorias sobre as leis de Diretrizes e Bases e suas relações na História da Arte até os conceitos e metodologias contemporâneos. Ofertamos oficinas para as crianças e professoras, num fazer espontâneo, sobre técnicas e processos de artistas, identificando-os na História da Arte e contextualizando-os em nossas práticas atuais. Organizamos visitas à exposição, galerias e outros lugares que produzam arte.

Organizamos a sala de Artes para que possa funcionar somente para as aulas específicas, de acordo com as demandas e horários a serem definidos.

Além disso, articulamos o Projeto Institucional de Arte, para as coordenadoras que apreciaram, refletiram e aprovaram, legitimando o ensino de Artes Visuais no currículo da Educação Infantil, completando assim as disciplinas de Artes do CDC, passando a ofertar, além da Música e Expressão Corporal, a disciplina de Artes Visuais.

A arte tem um papel importante promovendo a interação com diversos campos do conhecimento e diferentes culturas e a escola é o lugar privilegiado para a socialização e construção de conhecimento. Portanto, a tarefa da professora é

estimular a potencialidade criadora dos alunos, é ampliar a percepção estética, o que favorece o envolvimento e o diálogo com a realidade.

Compreendemos a valorização dos fatores socioculturais no ensino em arte pela capacidade dela de expressar aspectos culturais de modo sensível, promovendo a compreensão e o conhecimento do mundo que nos cerca, das outras pessoas, das outras culturas, de nós mesmos. Cabe, pois, ao professor compreender o ensino de artes visuais na escola, refletindo sobre suas concepções e suas possibilidades. Para isso, é importante ter clareza sobre o conceito de arte e de educação em que se fundamenta, situando o papel desse ensino na educação contemporânea e, considerando que a tendência contemporânea do ensino de arte sinaliza para uma concepção mais crítica e abrangente da arte do ponto de vista social, cultural e cognitivo.

Certamente as reflexões, seminários, oficinas e sugestões aqui apresentadas nesta instituição, não são suficientes para atender às necessidades e aos desafios do professor e, por isso, nossa pretensão foi somente apresentar um projeto motivador. Os autores relacionados na bibliografia podem ampliar essas considerações sobre o ensino das artes visuais, entendendo a arte como forma de conhecimento, e seu ensino aberto à diversidade cultural numa perspectiva crítica. Em síntese, podemos dizer que nosso intuito foi mobilizar o interesse da instituição em inserir no currículo de educação infantil a disciplina de Artes Visuais e necessariamente uma professora com licenciatura em Artes Visuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Celso. *Educação Infantil*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BARBOSA, Ana Mae. Apreciar e Interpretar. *Seminários: A Compreensão e o Prazer da Arte-1998*. Disponível em: <<http://www.sescsp.org.br/sesc/hotsites/arte/index.htm>>. Acesso em: 15 jul. 2009.

BARBOSA, Ana Mae. Dilemas da Arte/Educação como mediação cultural em namoro com as tecnologias contemporâneas. In BARBOSA, A. M. (Org.) *Arte/Educação Contemporânea*. São Paulo: Ed. Cortez, p. 98-112, 2005.

Barbosa, Ana Mae & SALLES, Heloisa M. *O Ensino da Arte e sua História*. São Paulo: MAC, 1990.

BARBOSA, Ana Mae. Arte educação no Brasil: do modernismo ao pós-modernismo. *Revista digital Art&*. n. 0, out. 2003. Disponível em: <<http://www.revista.art.br/site-numero-00/anamae.htm>>. Acesso em 12 ago. 2013.

BLAUTH, Lurdi. *Arte e ensino: uma possível educação estética*. Brasília: Em Aberto, v. 21, n. 77, p. 41-49, jun. 2007.

BOUGHTON, Doug. Da teoria à prática: avaliação do aprendizado nas artes visuais - VIII Encontro-Seminários: A Compreensão e o Prazer da Arte-1998. Disponível em: <<http://www.sescsp.org.br/sesc/hotsites/arte/index.htm>>. Acesso em: 18 jul. 2009.

BRASIL. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Casa Civil, Subchefia para assuntos jurídicos. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Lei>. Acesso em 12 ago. 2013.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Casa Civil, Subchefia para assuntos jurídicos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em 12 ago. 2013.

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Conhecimento de Mundo. *Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil*, vol. 3. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2013.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: arte* /Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC /SEF, 1998.

COLI, J. *O que é arte?* 15. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

ENFLAND, Arthur. *Cultura, Sociedade, Arte e Educação em um mundo pós-moderno. II Encontro-Seminários: A Compreensão e o Prazer da Arte- 1998*. Disponível em: <<http://www.sescsp.org.br/sesc/hotsites/arte/index.htm>>. Acesso em: 18 jul.2009.

ENFLAND, Arthur. *Imaginação na Cognição: o propósito da arte*. In BARBOSA, A. M. (Org.) *Arte/Educação Contemporânea*. São Paulo: Ed. Cortez, p.318-345, 2005.

FERRAZ, Maria Heloisa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Rezende. *Metodologia do Ensino de Arte - Fundamentos e Proposições*. São Paulo: Cortez, 1993.

FORQUIN, Jean Claude. *Educação Artística – para quê?* In PORCHER, Louis. *Educação Artística: luxo ou necessidade?* São Paulo: Summus, 1982.

CORAGEM, Amarílis Coelho. *Pensando a Arte na Educação Infantil*. In GUIMARÃES, Marília; MASSOTE, Alysson; SALLES, Fátima (Orgs.). *Desenvolvimento e aprendizagem*. Belo Horizonte: Editora UFMG-PROEX, 2002. P.90. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=SWH80O3R>>. Acesso em: 15 ago. 2013.

MARTINS, Mirian Celeste. *Didática do Ensino de Arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte*. São Paulo: FTD, 1998.

MASON, Row. *Por uma arte/educação multicultural*. Trad. Rosana Honório, Campinas: Mercado das Letras, 2001.

PARSONS, Michael J. *Compreender a Arte: um ato de cognição verbal e visual -V Encontro-Seminários: A Compreensão e o Prazer da Arte*, 1998. Disponível em: <<http://www.sescsp.org.br/sesc/hotsites/arte/index.htm>>. Acesso em: 15 jul. 2009.

RICHTER, Ivone Mendes. *Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais*. Campinas, SP: Mercado das letras, 2003.

THISTLEWOOD, David. *Estudos críticos: o museu de arte contemporânea e a relevância social*. In *ARTE- Educação: uma leitura no subsolo*. São Paulo: Cortez, 1997.

ZABALA, A. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: Artmed; 1998.

ANEXOS

ANEXO A — REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA EDUCAÇÃO INFANTIL – VOLUME 3 – CONHECIMENTO DE MUNDO (BRASIL, 1998)

As Artes Visuais expressam, comunicam e atribuem sentido a sensações, sentimentos, pensamentos e realidade por meio da organização de linhas, formas, pontos, tanto bidimensional como tridimensional, além de volume, espaço, cor e luz na pintura, no desenho, na escultura, na gravura, na arquitetura, nos brinquedos, bordados, entalhes etc.. O movimento, o equilíbrio, o ritmo, a harmonia, o contraste, a continuidade, proximidade e a semelhança são atributos da criação artística. A integração entre os aspectos sensíveis, afetivos, intuitivos, estéticos e cognitivos, assim como a promoção de interação e comunicação social, conferem caráter significativo às Artes Visuais. As Artes Visuais estão presentes no cotidiano da vida infantil. Ao rabiscar e desenhar no chão, na areia e nos muros, ao utilizar materiais encontrados ao acaso (gravetos, pedras, carvão), ao pintar os objetos e até mesmo seu próprio corpo, a criança pode utilizar-se das Artes Visuais para expressar experiências sensíveis. Tal como a música, as Artes Visuais são linguagens e, portanto, uma das formas importantes de expressão e comunicação humanas, o que, por si só, justifica sua presença no contexto da educação, de um modo geral, e na educação infantil, particularmente.

PRESENÇA DAS ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: IDÉIAS E PRÁTICAS CORRENTES

A presença das Artes Visuais na educação infantil, ao longo da história, tem demonstrado um descompasso entre os caminhos apontados pela produção teórica e a prática pedagógica existente. Em muitas propostas as práticas de Artes Visuais são entendidas apenas como meros passatempos em que atividades de desenhar, colar, pintar e modelar com argila ou massinha são destituídas de significados.

Outra prática corrente considera que o trabalho deve ter uma conotação decorativa, servindo para ilustrar temas de datas comemorativas, enfeitar as paredes com motivos infantis, elaborar convites, cartazes e pequenos presentes para os pais etc.

Nessa situação, é comum que os adultos façam grande parte do trabalho, uma vez que não consideram que a criança tem competência para elaborar um produto adequado. As Artes Visuais têm sido, também, bastante utilizadas como reforço para a aprendizagem dos mais variados conteúdos. São comuns as práticas de colorir imagens feitas pelos adultos em folhas mimeografadas, como exercícios de coordenação motora para fixação e memorização de letras e números.

As pesquisas desenvolvidas a partir do início do século em vários campos das ciências humanas trouxeram dados importantes sobre o desenvolvimento da criança, sobre o seu processo criador e sobre as artes das várias culturas. Na confluência da antropologia, da filosofia, da psicologia, da psicanálise, da crítica de arte, da psicopedagogia e das tendências estéticas da modernidade, surgiram autores que formularam os princípios inovadores para o ensino das artes, da música, do teatro e da dança.

Tais princípios reconheciam a arte da criança como manifestação espontânea e auto-expressiva: valorizavam a livre expressão e a sensibilização para o experimento artístico como orientações que visavam ao desenvolvimento do potencial criador, ou seja, as propostas eram centradas nas questões do desenvolvimento da criança. Tais orientações trouxeram inegável contribuição para que se valorizasse a produção criadora infantil, mas o princípio revolucionário que advogava a todos a necessidade e a capacidade da expressão artística aos poucos se transformou em “um deixar fazer” sem nenhum tipo de intervenção, no qual a aprendizagem das crianças pôde evoluir muito pouco.

Esses princípios influenciaram o que se chamou “Movimento da Educação através da Arte”, fundamentado principalmente, nas ideias do filósofo inglês Herbert Read. Esse movimento teve como manifestação mais conhecida a tendência da livre expressão que, ao mesmo tempo, foi largamente influenciada pelo trabalho inovador de Viktor Lowenfeld. V. Lowenfeld, entre outros, acreditava que a potencialidade criadora se desenvolveria naturalmente em estágios sucessivos desde que se oferecessem condições adequadas para que a criança pudesse se expressar livremente.

O questionamento da livre expressão e da ideia de que a aprendizagem artística era uma consequência automática dos processos de desenvolvimento resultaram em um movimento, em vários países, pela mudança nos rumos do ensino de arte. Surge a constatação de que o desenvolvimento artístico é resultado de formas complexas

de aprendizagem e, portanto, não ocorre automaticamente à medida que a criança cresce.

A arte da criança, desde cedo, sofre influência da cultura, seja por meio de materiais e suportes com que faz seus trabalhos, seja pelas imagens e atos de produção artística que observa na TV, em revistas, em gibis, rótulos, estampas, obras de arte, trabalhos artísticos de outras crianças etc.

Embora seja possível identificar espontaneidade e autonomia na exploração e no fazer artístico das crianças, seus trabalhos revelam: o local e a época histórica em que vivem; suas oportunidades de aprendizagem; suas ideias ou representações sobre o trabalho artístico que realiza e sobre a produção de arte à qual têm acesso, assim como seu potencial para refletir sobre ela. Denomina-se produção de arte o conjunto variado de produtos artísticos — artefatos, artes gráficas, histórias em quadrinhos — e as obras de arte. As crianças têm suas próprias impressões, ideias e interpretações sobre a produção de arte e o fazer artístico. Tais construções são elaboradas a partir de suas experiências ao longo da vida, que envolvem a relação com a produção de arte, com o mundo dos objetos e com seu próprio fazer. As crianças exploram, sentem, agem, refletem e elaboram sentidos de suas experiências. A partir daí constroem significações sobre como se faz, o que é, para que serve e sobre outros conhecimentos a respeito da arte.

Nesse sentido, as Artes Visuais devem ser concebidas como uma linguagem que tem estrutura e características próprias, cuja aprendizagem, no âmbito prático e reflexivo, se dá por meio da articulação dos seguintes aspectos:

- **fazer artístico** — centrado na exploração, expressão e comunicação de produção de trabalhos de arte por meio de práticas artísticas, propiciando o desenvolvimento de um percurso de criação pessoal;
- **apreciação** — percepção do sentido que o objeto propõe, articulando-o tanto aos elementos da linguagem visual quanto aos materiais e suportes utilizados, visando desenvolver, por meio da observação e da fruição, a capacidade de construção de sentido, reconhecimento, análise e identificação de obras de arte e de seus produtores;
- **reflexão** — considerada tanto no fazer artístico como na apreciação, é um pensar sobre todos os conteúdos do objeto artístico que se manifesta em sala, compartilhando perguntas e afirmações que a criança realiza instigada pelo professor e no contato com suas próprias produções e as dos artistas. O

desenvolvimento da imaginação criadora, da expressão, da sensibilidade e das capacidades estéticas das crianças poderão ocorrer no fazer artístico, assim como no contato com a produção de arte presente nos museus, igrejas, livros, reproduções, revistas, gibis, vídeos, CD-ROM, ateliês de artistas e artesãos regionais, feiras de objetos, espaços urbanos etc. O desenvolvimento da capacidade artística e criativa deve estar apoiado, também, na prática reflexiva das crianças ao aprender, que articula a ação, a percepção, a sensibilidade, a cognição e a imaginação. Fruição é um conceito bastante importante para a aprendizagem em Artes Visuais. Refere-se à reflexão, conhecimento, emoção, sensação e ao prazer advindo da ação que a criança realiza ao se apropriar dos sentidos e emoções gerados no contato com as produções artísticas.

Este termo está sendo utilizado aqui para denominar o espaço de trabalho com artes, tanto os referentes ao trabalho profissional, como no caso dos artistas e artesãos, quanto àqueles organizados na instituição para o desenvolvimento do fazer artístico com as crianças.

A CRIANÇA E AS ARTES VISUAIS

O trabalho com as Artes Visuais na educação infantil requer profunda atenção no que se refere ao respeito das peculiaridades e esquemas de conhecimento próprios a cada faixa etária e nível de desenvolvimento. Isso significa que o pensamento, a sensibilidade, a imaginação, a percepção, a intuição e a cognição da criança devem ser trabalhados de forma integrada, visando a favorecer o desenvolvimento das capacidades criativas das crianças.

No processo de aprendizagem em Artes Visuais a criança traça um percurso de criação e construção individual que envolve escolhas, experiências pessoais, aprendizagens, relação com a natureza, motivação interna e/ou externa.

O percurso individual da criança pode ser significativamente enriquecido pela ação educativa intencional; porém, a criação artística é um ato exclusivo da criança. É no fazer artístico e no contato com os objetos de arte que parte significativa do conhecimento em Artes Visuais acontece. No decorrer desse processo, o prazer e o domínio do gesto e da visualidade evoluem para o prazer e o domínio do próprio fazer artístico, da simbolização e da leitura de imagens.

O ponto de partida para o desenvolvimento estético e artístico é o ato simbólico que permite reconhecer que os objetos persistem independentes de sua presença física

e imediata. Operar no mundo dos símbolos é perceber e interpretar elementos que se referem a alguma coisa que está fora dos próprios objetos. Os símbolos reapresentam o mundo a partir das relações que a criança estabelece consigo mesma, com as outras pessoas, com a imaginação e com a cultura.

Ao final do seu primeiro ano de vida, a criança já é capaz de, ocasionalmente, manter ritmos regulares e produzir seus primeiros traços gráficos, considerados muito mais como movimentos do que como representações. É a conhecida fase dos rabiscos, das garatujas. A repetida exploração e experimentação do movimento amplia o conhecimento de si próprio, do mundo e das ações gráficas. Muito antes de saber representar graficamente o mundo visual, a criança já o reconhece e identifica nele qualidades e funções. Mais tarde, quando controla o gesto e passa a coordená-lo com o olhar, começa a registrar formas gráficas e plásticas mais elaboradas. A crença de que existem crianças que têm mais facilidade do que outras para a aprendizagem em Artes Visuais exprimem apenas um dos lados de uma grande e controvertida discussão. Neste documento defende-se a ideia de que em toda criança sempre existe um potencial passível de desenvolvimento sobre o qual a educação pode e deve atuar. A educação em Artes Visuais não visa a formar artistas, mas sim crianças sensíveis ao mundo e conhecedoras da linguagem da arte. O termo “garatuja” foi utilizado por Viktor Lowenfeld para nomear os rabiscos produzidos pelas crianças na fase inicial de seus grafismos. Dois outros autores que estudaram a evolução do desenho infantil merecem destaque.

Embora todas as modalidades artísticas devam ser contempladas pelo professor, a fim de diversificar a ação das crianças na experimentação de materiais, do espaço e do próprio corpo, destaca-se o desenvolvimento do desenho por sua importância no fazer artístico delas e na construção das demais linguagens visuais (pintura, modelagem, construção tridimensional, colagens). O desenvolvimento progressivo do desenho implica mudanças significativas que, no início, dizem respeito à passagem dos rabiscos iniciais da garatuja para construções cada vez mais ordenadas, fazendo surgir os primeiros símbolos.

Imagens de sol, figuras humanas, animais, vegetação e carros, entre outros, são frequentes nos desenhos das crianças, reportando mais a assimilações dentro da linguagem do desenho do que a objetos naturais. Essa passagem é possível graças às interações da criança com o ato de desenhar e com desenhos de outras pessoas.

Na garatuja, a criança tem como hipótese que o desenho é simplesmente uma ação sobre uma superfície, e ela sente prazer ao constatar os efeitos visuais que essa ação produziu. A percepção de que os gestos, gradativamente, produzem marcas e representações mais organizadas permite à criança o reconhecimento dos seus registros.

No decorrer do tempo, as garatujas, que refletiam, sobretudo, o prolongamento de movimentos rítmicos de ir e vir transformam-se em formas definidas que apresentam maior ordenação, e podem estar se referindo a objetos naturais, objetos imaginários ou mesmo a outros desenhos. Na medida em que crescem, as crianças experimentam agrupamentos, repetições e combinações de elementos gráficos, inicialmente soltos e com uma grande gama de possibilidades e significações, e, mais tarde, circunscritos a organizações mais precisas. Apresentam cada vez mais a possibilidade de exprimir impressões e julgamentos sobre seus próprios trabalhos. Enquanto desenhavam ou criam objetos também brincam de “faz-de-conta” e verbalizam narrativas que exprimem suas capacidades imaginativas, ampliando sua forma de sentir e pensar sobre o mundo no qual estão inseridas.

Na evolução da garatuja para o desenho de formas mais estruturadas, a criança desenvolve a intenção de elaborar imagens no fazer artístico. Começando com símbolos muito simples, ela passa a articulá-los no espaço bidimensional do papel, na areia, na parede ou em qualquer outra superfície. Passa também a constatar a regularidade nos desenhos presentes no meio ambiente e nos trabalhos aos quais ela tem acesso, incorporando esse conhecimento em suas próprias produções.

No início, a criança trabalha sobre a hipótese de que o desenho serve para imprimir tudo o que ela sabe sobre o mundo e esse saber estará relacionado a algumas fontes, como a análise da experiência junto a objetos naturais (ação física e interiorizada); o trabalho realizado sobre seus próprios desenhos e os desenhos de outras crianças e adultos; a observação de diferentes objetos simbólicos do universo circundante; as imagens que cria.

No decorrer da simbolização, a criança incorpora progressivamente regularidades ou códigos de representação das imagens do entorno, passando a considerar a hipótese de que o desenho serve para imprimir o que se vê. É assim que, por meio do desenho, a criança cria e recria individualmente formas expressivas, integrando percepção, imaginação, reflexão e sensibilidade, que podem então ser apropriadas pelas leituras simbólicas de outras crianças e adultos. A imitação, largamente

utilizada no desenho pelas crianças e por muitos combatidas, desenvolve uma função importante no processo de aprendizagem. Imitar decorre antes de uma experiência pessoal, cuja intenção é a apropriação de conteúdos, de formas e de figuras por meio da representação.

As atividades em artes plásticas que envolvem os mais diferentes tipos de materiais indicam às crianças as possibilidades de transformação, de reutilização e de construção de novos elementos, formas, texturas etc.. A relação que a criança pequena estabelece com os diferentes materiais se dá, no início, por meio da exploração sensorial e da sua utilização em diversas brincadeiras. Representações bidimensionais e construção de objetos tridimensionais nascem do contato com novos materiais, no fluir da imaginação e no contato com as obras de arte. Para construir, a criança utiliza-se das características associativas dos objetos, seus usos simbólicos, e das possibilidades reais dos materiais, a fim de, gradativamente, relacioná-los e transformá-los em função de diferentes argumentos.

OBJETIVOS

Crianças de 0 a 03 anos

A instituição deve organizar sua prática em torno da aprendizagem em arte, garantindo oportunidades para que as crianças sejam capazes de:

- ampliar o conhecimento de mundo que possuem, manipulando diferentes objetos e materiais, explorando suas características, propriedades e possibilidades de manuseio e entrando em contato com formas diversas de expressão artística;
- utilizar diversos materiais gráficos e plásticos sobre diferentes superfícies para ampliar suas possibilidades de expressão e comunicação.

Crianças de 04 a 06 anos

Para esta fase, os objetivos estabelecidos para a faixa etária de 0 a 03 anos deverão ser aprofundados e ampliados, garantindo-se, ainda, oportunidades para que as crianças sejam capazes de:

- interessar-se pelas próprias produções, pelas de outras crianças e pelas diversas obras artísticas (regionais, nacionais ou internacionais) com as quais entrem em contato, ampliando seu conhecimento do mundo e da cultura;

- produzir trabalhos de arte, utilizando a linguagem do desenho, da pintura, da modelagem, da colagem, da construção, desenvolvendo o gosto, o cuidado e o respeito pelo processo de produção e criação.

CONTEÚDOS

Os conteúdos estão organizados em dois blocos. O primeiro bloco se refere ao fazer artístico e o segundo trata da apreciação em Artes Visuais.

A organização por blocos visa a oferecer visibilidade às especificidades da aprendizagem em artes, embora as crianças vivenciem esses conteúdos de maneira integrada.

ANEXO B — PLANO DE TRABALHO E CRONOGRAMA

Organizar e estruturar as estratégias de trabalho e pesquisa no Centro de Desenvolvimento da Criança – UFMG.

- 1- Organização e estrutura do espaço para o desenvolvimento do Projeto de Pesquisa Sobre o Ensino de Artes Visuais, bem como mobiliários, ferramentas e materiais artísticos. (agosto - 10 dias)
- 2- A pesquisa de coleta de dados sobre o currículo de Artes Visuais para Educação Infantil em bibliotecas, Unidades de Educação FAE, Centro Pedagógico e Bibliotecas da UFMG. (agosto - 05 dias)
- 3- Entrevista com as professoras, assistentes, auxiliares e coordenadoras. (agosto - 05 dias)
- 4- Conversas informais e captação de dados no NEPEI/FAE. (setembro - 03 dias)
- 5- Palestras, seminários e oficinas de arte para as crianças e seguimentos dos docentes na instituição. (setembro – 17 dias e outubro 20 dias)
- 6- Preparar, estruturar e organizar recursos físicos e materiais para funcionamento da sala de artes visuais (novembro – 15 dias).
- 7- Apresentar resultados ao Conselho Diretor, Coordenadoras e Psicopedagogas e aos Órgãos competentes e interessados da Universidade Federal de Minas Gerais. (dezembro- 15 dias).

ANEXO C — EMENTA DA ENTREVISTA

- 1- Faça um breve relato sobre o seu primeiro contato com a arte.
- 2- Enquanto estudante na educação infantil, você teve aulas de artes? Tinha professora especializada e ou inclusão da disciplina no currículo da escola que você estudou?
- 3- E no Ensino Fundamental? Como eram as atividades? Existia professora qualificada e disciplina fazia parte do currículo? Quantas vezes por semana tinha aula de arte?
- 4- No Ensino Médio, as aulas de Artes eram voltadas para qual área? Quantas vezes por semana? Qual a formação da professora que lecionava as aulas de Arte? Como eram as aulas de Arte?
- 5- Qual a sua formação atual?
- 6- O que é Arte para você?
- 7- No currículo de Ensino da Educação Infantil nessa instituição existe a disciplina de Arte?
- 8- Quais as áreas são privilegiadas o ensino de Arte nessa instituição?
- 9- Em quais dessas áreas você desenvolve projetos ou atividades em sala de aula.
- 10- Marque somente as alternativas que realmente são relevantes para você:
 - a- ()- Costumo ir ao cinema pelo menos 01 vez ao ano.
 - b- ()- Costumo ir ao cinema pelo menos 02 vezes ao ano.
 - c- ()- Não gosto de ir ao cinema.
 - d- ()-Assisto televisão todos os dias.
 - e- ()-Nunca fui ao teatro.
 - f- ()-Vou ao teatro pelo menos 01 vez ao ano.
 - g- ()-Fui à galeria de arte duas vezes.
 - h- ()-Gostaria de visitar uma Galeria de Arte.
 - i- ()-Já fui ao Museu de Arte.
 - j- ()-Gostaria de visitar um Museu de Arte.
 - k- ()-Ouço música diariamente.
 - l- ()- Escolho e compro minhas preferências musicais.
 - m- ()-Aprecio músicas de estilos variados.
 - n- ()-A dança faz parte da minha vida, aprecio e frequento espaços que permitem a minha apreciação, em espetáculos, apresentações locais e às vezes dançando.
 - o- ()-Gostaria de ir aos espetáculos de dança que são propiciados aos públicos diversos, na minha cidade.